

UNESP
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Campus de Rio Claro - SP

Juliana Cristina Iaochite

**APROPRIAÇÃO E REVALORIZAÇÃO DO ESPAÇO URBANO:
ANÁLISE DA OCORRÊNCIA DE *BROWNFIELDS* NO MUNICÍPIO DE
AMERICANA - SP**

Orientadora: **Profa. Dra. Silvia Ap.G. Ortigoza**

Dissertação de Mestrado elaborada junto
ao Programa de Pós-Graduação em
Geografia – Área de Concentração em
Organização do Espaço, para obtenção
do Título de Mestre em Geografia.

Rio Claro (SP) - 2005-02-09

COMISSÃO EXAMINADORA

aluno (a)

Rio Claro, 28 de janeiro de 2005.

Resultado: _____.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais, Carmem e Roberto, pelo constante apoio e incentivo e pelo amor incondicional.

Ao meu irmão Roberto e às minhas irmãs, Karina e Simone, pelo estímulo ao estudo e à pesquisa.

Agradecimentos

À professora Dra. Silvia Ap. Guarnieri Ortigoza, pela orientação e ensinamentos transmitidos, pelo respeito e considerações às minhas idéias e opiniões, e pela amizade da qual tenho o prazer de desfrutar; por tudo isso meu sincero agradecimento.

Aos professores Dra. Silvana Maria Pintaudi e Dr. Auro Ap. Mendes, pelas valiosas contribuições no Exame de Qualificação.

Aos colegas do grupo *Brownfields* pelos debates promovidos, que muito contribuíram para este trabalho.

À Andréia Pancher Medinilha, companheira dos trabalhos de campo, pelas conversas e apoio, ao longo da realização deste trabalho.

Às bibliotecárias Mônica e Rosimeire, pela atenção prestada durante todos os anos acadêmicos.

À Prefeitura Municipal de Americana, em especial à Secretaria de Planejamento e à Unidade de Cadastro de Atividades, pelas informações e pelo material fornecido.

Ao Prof. Dr. Helmut Toppmair, pelas conversas e incentivos.

Ao CNPq, pelo financiamento desta pesquisa. As viagens e trabalhos de campo só foram viáveis devido à concessão da bolsa.

Ao Edirlei, em especial, por seu amor, paciência e compreensão nos momentos mais difíceis, e pelo apoio irrestrito durante a realização deste trabalho.

À Deus, pela vida, cuidado e proteção.

“No espaço se encontram a brecha objetiva (sócio – econômica) e a brecha subjetiva (poética). No espaço se inscrevem, e ainda mais, se realizam as diferenças, da menor à extrema. Desigualmente iluminado, desigualmente acessível, cheio de obstáculos, obstáculo ele mesmo diante das iniciativas, modelado por elas, o espaço torna-se lugar e o meio das diferenças (...)”

(Henri Lefèbvre. *Lê temps des méprises*. Paris 1975).

SUMÁRIO

	Página
ÍNDICE.....	II
ÍNDICE DE TABELAS E QUADROS.....	III
ÍNDICE DE FIGURAS.....	IV
ÍNDICE DE GRÁFICOS.....	V
RESUMO.....	VI
ABSTRACT.....	VII
INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO 1: Os <i>brownfields</i> : Descrevendo a problemática.....	8
CAPÍTULO 2: Americana: do Apogeu à Crise e a Formação de <i>Brownfields</i>	30
CAPÍTULO 3: Apropriação e Revalorização do espaço urbano: o papel dos <i>brownfields</i> neste contexto.....	63
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	99
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	104
ANEXOS.....	112

ÍNDICE

	Página
INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO 1: OS <i>BROWNFIELDS</i> : DESCRREVENDO A PROBLEMÁTICA.....	8
1.1. O que vem a ser um <i>brownfield</i> ? Uma análise bibliográfica.....	10
1.2. Estudos de Caso: os <i>derelict land</i> no Reino Unido e os <i>Brownfields</i> em Pittsburgh (EUA).....	14
1.2.1. As áreas de <i>derelict land</i> no Reino Unido.....	15
1.2.2. Redesenvolvimento de <i>brownfields</i> em Pittsburgh (EUA).....	18
1.3. A Busca por uma definição de <i>brownfield</i> que considere a realidade brasileira.....	21
CAPÍTULO 2: AMERICANA: DO APOGEU À CRISE E A FORMAÇÃO DE <i>BROWNFIELD</i>	30
2.1. Da Fábrica de Tecidos Carioba à Consolidação do Pólo Têxtil.....	34
2.2. Da Crise à Formação de <i>Brownfields</i>	50
CAPÍTULO 3: A REVALORIZAÇÃO DE <i>BROWNFIELD</i> : ESPAÇO DE CONSUMO OU CONSUMO DO ESPAÇO?.....	63
3.1. Refuncionalizar, reabilitar, revitalizar, redesenvolver, requalificar <i>brownfield</i> : o que significam estas ações?.....	64

3.2. Apropriação e Revalorização do espaço urbano: o papel dos <i>brownfields</i> neste contexto.....	69
3.3. Exemplos de Revalorização de <i>brownfields</i> no município de Americana: refuncionalização das formas.....	77
3.4. Poder Público, Iniciativa Privada e População no Processo de Revalorização de <i>brownfields</i> : O Caso da Fábrica de Tecidos Carioba.....	82
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	99
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	102
ANEXOS.....	112

ÍNDICE DE QUADROS E TABELAS

Quadro 1: Tipos de brownfields segundo a NBSP.....	10
Quadro 2: Desativação de Empreendimentos.....	25
Tabela 1: Número de Estabelecimentos e Pessoal Ocupado na Indústria Têxtil do Pólo de Americana.....	46
Tabela 2: Estabelecimentos Industriais segundo os Gêneros Industriais do Município de Americana no período de 1960-2000.....	47
Tabela 3: Industrias de Capitais Locais, Nacionais, Estrangeiros e Mistos do Município de Americana, segundo Anos de Instalação e Mão-de-Obra Ocupada.....	48
Tabela 4: Redução do Número de Estabelecimentos têxteis no Período de 1991-2000.....	56

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1: Mapa de Localização do Município de Americana no Estado de São Paulo.....	31
Figura 2: Origem, Evolução e Crise do Pólo Têxtil de Americana.....	33
Figura 3: Entrada do Bairro Carioba em 1905.....	37
Figura 4: Usina de Salto Grande construída para fornecer energia para Carioba.....	38
Figura 5: <i>A belle époque</i> de Carioba. O Clube e o Hotel de Carioba na década de 20...40	
Figura 6: Carioba na década de 20.....	41
Figura 7: Tecelagem Jacyra: exemplo de <i>brownfield</i>	60
Figura 8: Exemplo de refuncionalização de Brownfield. Antiga Tecelagem Gilberto Muller, hoje com uma nova função.....	66
Figura 9: Antiga Tecelagem Nacim Elias – 1970.....	79
Figura 10: Igreja Evangélica Batista do Caminho, após processo de revalorização em 2002.....	80

Figura 11: Antiga Polifio, fechada em 1996. Após um processo de revalorização transformou-se em Hotel Cidade.....	81
Figura 12: Situação Atual de um dos galpões da Fábrica de Tecidos Carioba.....	84
Figura 13: Situação Atual de alguns galpões que faziam parte da Fábrica Carioba. Abandonados desde 1985.....	85
Figura 14: Parte interna dos galpões subutilizados.....	86
Figura 15: Subutilização dos antigos prédios e do maquinário da Fábrica Carioba.....	86

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Bairro de Moradia dos entrevistados no município de Americana.....	88
Gráfico 2: Participação dos entrevistados segundo o sexo.....	89
Gráfico 3: Participação dos entrevistados segundo o tempo de residência No Bairro.....	90
Gráfico 4: Significado da Fábrica de Tecidos Carioba para os entrevistados.....	91
Gráfico 5: Participação dos moradores segundo o que gostam no bairro.....	92
Gráfico 6: Participação dos moradores segundo o que não gostam no bairro.....	93
Gráfico 7: Participação dos moradores segundo o que falta no bairro.....	94
Gráfico 8: Revalorização da área através de novos usos, segundo os Entrevistados.....	95
Gráfico 9: A Ação do Poder Público segundo os entrevistados.....	96

RESUMO

Este trabalho discute a ocorrência de *brownfields* no município de Americana – SP, decorrentes da crise da indústria têxtil, refletindo sobre as novas relações produtivas no período de Globalização. Analisa as novas formas espaciais geradas a partir da abertura comercial na década de 1990, onde a competitividade e a conseqüente reestruturação produtiva proporcionaram uma nova relação sócio-espacial. Avalia as possibilidades de revalorização dos *brownfields* e seus elos com o Desenvolvimento Local.

Palavras – chaves: *brownfields*; indústria têxtil; reestruturação produtiva; revalorização; espaço urbano.

ABSTRACT

This work aims at discussing the occur of Brownfield in the Americana – SP

Town, resulting from crisis of textile industry, reflecting about new productive relation in the Globalization period. Analyses the new forms spaces to produce with the commercial opening in the decade of 1990, whose the competitive and productive reestruturation to provide a new society-space relation. It values the possibilities of revitalize of Brownfield and your link whit the Local Development.

Key – Words: brownfields; textile industry; productive reestruturation; revitalization; urban space.

Introdução

O mundo, na perspectiva de uma economia globalizada, apresenta desafios que exigem novos conceitos e análises que expliquem as relações e estruturas que se configuram atualmente nos diferentes lugares. Além disso, é necessário entender como o processo de Globalização acaba reestruturando as formas de produção, fazendo com que ocorra uma adaptação e reorganização espacial das unidades produtivas.

O espaço urbano é dinâmico; é o meio e o local; relação e suporte; condição e produto da prática social. Sendo assim, o espaço é uma realidade social, constituída de formas, estruturas, funções e processos. Além disso, como produto da sociedade, o espaço é construído no dia-a-dia. Esse construir, ao mesmo tempo em que mantém as relações já estabelecidas entre os homens, fazem aflorar, nessas mesmas relações, as ancestralidades não aprisionadas (resíduos) pela dominação. São estes resíduos que abrem possibilidades para o estabelecimento do novo.

Assim, nas relações sociais já estão presentes os germes da autodestruição (que precisam ser ativados na prática social), e, portanto, da mudança para a criação do novo (ALVES, 1999).

Neste contexto, é possível entender as novas formas espaciais – os *brownfields* - que surgem, muitas vezes, como resposta ao rearranjo sócio-espacial.

A abordagem escolhida neste estudo, para a análise dos *brownfields*, é a desenvolvida por Santos (1985)¹, a qual apresenta quatro categorias do

¹ SANTOS, M. *Espaço e Método*, 1985.

método geográfico: forma, função, estrutura e processo. O processo não deve ser entendido apenas como mais um elemento na produção do espaço, mas sim como parte integrante desta produção, sendo essencial para a compreensão dos fenômenos espaciais em sua totalidade. O estudo concomitante destas categorias deve buscar como elas interagem “*para criar e moldar o espaço através do tempo*”².

Os *brownfields*, nesta perspectiva, podem ser entendidos como formas espaciais, isto é, objetos presentes na configuração espacial, que não correspondem à lógica atual de estruturação do território, não cumprindo a função para a qual foram destinados quando da sua edificação. Assim, tornam-se enclaves, herança de uma atividade econômica encerrada.

As estruturas não são estáticas; elas apresentam uma dimensão histórica, que Santos (1985) denomina de processo. Há uma evolução que demanda novas necessidades, novas formas e novas funções, que são criadas no espaço como resultado deste processo.

Mas há também uma resistência que as formas de períodos anteriores apresentam para a difusão das técnicas no espaço. São as rugosidades³. Corrêa (2001) analisa estas formas remanescentes de períodos anteriores, que não possuem mais a funcionalidade para a qual foram construídas como inércia espacial.

Nesta pesquisa, investigamos as alterações ocorridas nas estruturas produtivas do setor têxtil, após a abertura comercial na década de 90, entendida como uma estratégia política utilizada pelo Governo Collor,

² SANTOS, M. **Espaço** op.cit, p.52.

³ SANTOS, M. **Espaço** op.cit, p.54.

com o objetivo de abrir as fronteiras brasileiras ao mercado externo, num processo de substituição de importação. Isso gerou uma competitividade desleal aos produtos nacionais, que eram produzidos a custos elevados devido aos altos impostos cobrados pelo governo. Além disso, não havia medidas de proteção ao mercado interno, fazendo com que alguns setores econômicos, como o da indústria têxtil, por exemplo, não conseguisse competir com os produtos importados, gerando uma crise neste setor. Esta crise culminou na falência de inúmeras indústrias têxteis, que abandonaram a área produtiva, deixando no espaço um resíduo industrial.

O município escolhido para o estudo destas alterações é o de Americana – SP. Isto se justifica pelo fato das indústrias têxteis⁴ terem tido neste lugar uma importância sócio-econômica relevante, demandando grandes áreas para a produção e um número elevado de mão-de-obra.

No período da década de 1930 até meados dos anos 1980, o Pólo Têxtil de Americana conheceu seu auge. A inovação tecnológica se fez presente, principalmente nas indústrias de grande porte, possibilitando uma maior capacidade de produção, aumentando o número de tecelagens e o número de operários do ramo. Este período trouxe progresso ao município de Americana, inclusive impulsionando o desenvolvimento sócio-econômico local.

Mas, o processo de Globalização se intensificou nos anos 90 e a abertura comercial e a exigência de uma reestruturação produtiva

⁴ Conforme o FIBGE (Fundação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), a indústria têxtil compreende os ramos de beneficiamento de fibras vegetais, artificiais e sintéticas e materiais têxteis de origem animal, fabricação de estopa, de materiais para estofados e recuperação de resíduos têxteis; fiação; fiação e tecelagem; tecelagem; malharia e fabricação de tecidos elásticos; fabricação de artigos de passamaria, fitas, filós, rendas; fabricação de artigos especiais; e acabamento de fios e tecidos, não processados nas fiações e tecelagens. Tomamos como referência, na coleta de dados, a definição da FIBGE sem com isso criar limites ao desenvolvimento de nossa análise.

acabaram por gerar uma crise no setor têxtil americanense, o qual vem enfrentando inúmeros problemas. Este setor apresentou, no período de 1990 a 2000, uma diminuição no número de unidades produtivas e uma redução de mão-de-obra empregada.

Este período técnico-científico-informacional impõe um ritmo muito rápido nas transformações dos sistemas produtivos e também nas dinâmicas sócio-espaciais, obrigando os lugares a se adaptarem a essas tendências. Quando isso não ocorre, como é o caso do setor têxtil americanense, é quase certa a crise nesta atividade econômica. E é neste contexto que aparecem as formas espaciais abandonadas – os *brownfields*, como um resíduo de um período técnico específico.

Deve-se ressaltar que a produção econômica dos lugares não é apenas resultante de uma força externa. O lugar tem sua história, que é um modo específico de realizar sua reprodução com base em sua formação sócio-espacial. A cultura do lugar, a maneira como desempenha seu cotidiano em função das relações de solidariedade que são construídas e mantidas, tudo isso irá determinar também a paisagem presente. E é através desta dicotomia entre o viver local e as determinações globais que se desenvolvem as continuidades e, do mesmo modo, as rupturas no desenvolvimento dos lugares. São estas rupturas que geram os *brownfields*.

Os *brownfields* representam um recurso espacial disponível, pois geralmente estão localizados onde já existe uma infra-estrutura que pode ser reaproveitada num processo de refuncionalização e revalorização destas áreas. Mas consistem, muitas vezes, em um problema de ordem ambiental (contaminação do solo), econômica (falta de investimento,

desvalorização do entorno) e social (ocupação clandestina, risco à saúde pública, desemprego).

Neste estudo, interessa-nos analisar os fatores externos e internos que promoveram a formação de *brownfields* no município de Americana. Também é objetivo desta pesquisa abordar como o Poder Público local e a comunidade do entorno vêm estes espaços abandonados, além de analisar as propostas de refuncionalização existentes para os mesmos.

O trabalho está estruturado a partir das discussões teóricas sobre o conceito de *brownfield* e de como a abertura comercial pode ter sido a mola propulsora da ocorrência destas formas espaciais abandonadas em Americana. Além disso, estudamos os problemas enfrentados por este município, no que tange à formação de *brownfields*, não só econômicos, mas também urbanos e sociais, mostrando a necessidade de políticas públicas que contemplem estas três dimensões.

Por meio de trabalhos de campo, foi elaborada uma caracterização da área de estudo e uma análise da importância da indústria têxtil para este município, bem como os problemas por este enfrentado, dada a presença de *brownfields*.

Os trabalhos de campo auxiliaram na obtenção de dados primários, obtidos através de entrevistas junto ao Poder Público local, por meio das Secretarias de Desenvolvimento Econômico, de Planejamento e do Cadastro Técnico, e também junto à comunidade do entorno da Vila Carioba, área específica desse estudo de *brownfield*.

Finalmente, procuramos analisar como o Poder Público local tem buscado alternativas para a revalorização da Vila Carioba e como estas podem contribuir para o Desenvolvimento Local.

O texto apresenta três capítulos, por meio dos quais fez-se uma análise do tema abordado.

O Primeiro Capítulo trata do conceito de *brownfield* e de como este vem sendo estudado em dois países considerados pioneiros, como o Reino Unido e os Estados Unidos, procurando encontrar caminhos para o tratamento deste tema aplicado à realidade brasileira.

O Segundo Capítulo apresenta uma caracterização do município de Americana, principalmente abordando a indústria têxtil e sua importância para o município. Para isto recorreremos à história do surgimento da indústria têxtil em Americana e a posterior consolidação do Pólo Têxtil. Em seguida, enfocamos a crise na década de 1990, que, segundo nossa hipótese, foi a maior motivadora da formação de *brownfields*.

O Terceiro (e último) Capítulo faz uma análise de como a população do entorno percebe estas áreas abandonadas e de como o Poder Público local vem tratando esta problemática. Neste contexto, é realizada uma avaliação das dos projetos de revalorização e das propostas para a reutilização dos *brownfields*.

As Considerações Finais recuperam as questões mais importantes levantadas durante a pesquisa, procurando contribuir com os futuros trabalhos que poderão surgir sobre este tema. A hipótese do trabalho é retomada para uma efetiva avaliação da mesma. Busca-se, sobretudo, abrir

possibilidades de novos estudos que enfoquem a problemática dos *brownfields*, sob a perspectiva de análise voltada ao Planejamento Urbano – Ambiental, visando o Desenvolvimento Local.

Capítulo 1 – Os *Brownfields*: Descrevendo a Problemática

O estudo de *brownfields*⁵ é muito recente no Brasil. A maioria das obras que abordam este tema é de Literatura estrangeira. Estes estudos, numa primeira análise, não podem ser incorporados à realidade brasileira sem antes se fazerem algumas ponderações e adaptações, pois, além de termos tido um processo de formação e de desenvolvimento econômico diferenciados em relação a estes países, não possuímos leis estaduais e nem federais (como ocorre nos Estados Unidos) que regulamentem estes *brownfields* e nem Fundos de Reserva que promovam o reuso dos mesmos.

Entretanto, observando a paisagem urbana das principais cidades da região Sudeste (a mais industrializada do País), podemos identificar inúmeras formas abandonadas de grande porte: temos uma estrutura ferroviária, cujas estações ocupam áreas centrais e que, na maioria dos casos, estão abandonadas; temos galpões industriais, como os numerosos engenhos no município de Piracicaba⁶; no meio agrícola, temos fazendas que se dedicavam ao cultivo de café na primeira metade do século XX, também sem uso atual em diversos municípios.

Estes são apenas alguns exemplos de formas abandonadas existentes nesta região, e que merecem ser melhores estudadas, pois são cada vez mais crescentes as demandas de solo para usos residenciais, comerciais,

⁵ Cabe salientar que não é objetivo desta pesquisa fazer um estudo aprofundado do conceito de *brownfield*, mas sim utilizar o termo para nos referirmos às antigas áreas produtivas têxteis que estão abandonadas e precisam ser revalorizadas.

⁶ Ver PEREIRA, E.A.A. “Os Brownfields no Município de Piracicaba (SP): a inércia do território e os ciclos econômicos”, 2003.

industriais, de lazer. E, aliado a esse processo de produção do espaço urbano, temos a expansão do espraiamento urbano (urban sprawl), que consome novas áreas cada vez mais distantes do centro, acelerando o processo de periferização nas cidades brasileiras.

SANCHEZ, 2001; RUSS, 2002 e SOUZA, 2002, em suas obras, sugerem algumas categorias de análise que devem ser consideradas no estudo de brownfields. São elas:

- Função anterior: o uso anterior condiciona as novas possibilidades de reutilização. Estes usos podem ter sido de caráter industrial, comercial, áreas militares, de extração de minérios, agrícolas, portos, ferrovias, etc.
- Estado atual: está relacionado à situação do edifício, que pode estar desocupado, ocioso, abandonado, parcialmente ocupado, degradado ou contaminado.
- Necessidade de intervenção: muitas vezes, o *brownfield* necessita de uma operação de remediação para que tenha condições de uso novamente.
- Origem do aparecimento de *brownfield*: diz respeito às causas da formação de *brownfield*, que podem ser mais gerais, como uma crise econômica, por exemplo, ou mais específicas, como estruturas obsoletas.
- Possibilidades de reuso: são inúmeras as possibilidades de reuso, podendo ser até mesmo a função anterior, após as devidas intervenções, ou um novo uso diferente do anterior.

Em seguida, faremos uma análise de como o conceito de *brownfield* vem sendo abordado em alguns países.

1.1. O que vem a ser um *brownfield*: Uma análise bibliográfica

Os *brownfields* vêm sendo estudados com mais empenho em alguns países, como, por exemplo, os Estados Unidos, que pode ser considerado pioneiro nestes estudos.

A fonte para a definição de *brownfields* é encontrada na lei pública norte-americana 107-118 (H.R. 2869), intitulada “*Small Business Liability and Brownfields Revitalization Act*”, assinada em 11 de Janeiro de 2002.

A seção 101 da CERCLA (*Comprehensive Environmental Response Compensation and Liability Act*) de 1980 define *brownfields* como “instalações industriais ou comerciais abandonadas, ociosas e subutilizadas cujo redesenvolvimento é complicado devido à contaminação real ou percebida, mas que têm um potencial ativo para reuso”⁷.

Esta definição também é utilizada pela EPA (*Environmental Protection Agency*), principal responsável pelos programas de redesenvolvimento de *brownfields*; com este objetivo, o Governo Federal criou um Fundo de Reservas (*Superfund*) para financiar a limpeza dos locais contaminados.

Existe uma outra definição⁸ para *brownfield*, utilizada pela *National Sites Project (NBSP)* do Reino Unido.

“A brownfield site is any land or premises which has previously been use for developed and is not currently fully in use, although it may be partially occupied or utilized. It may also be vacant, derelict or contaminated. Therefore a brownfield site is not

⁷ “A brownfield is na abandoned, idled, ou under-used industrial and commercial facilities where expansion or redevelopment is complicated by real or perceived environmental contamination (such as a landfill or Superfund sites); it also has na active potencial for redevelopment or reuse”.

⁸ Journal os Environmental Planning and Management, V.43 (1), pp.49-69, Jan.2000.

necessarily available for immediate use without intervention”.

Além disso, o *National Brownfield Sites Project* (NBSP), um centro norte-americano de estudos sobre *brownfields* americanos, criou uma tipologia para classificar esses locais, a partir da qual fez-se uma adaptação. Esta tipologia consiste em cinco tipos de locais, conforme mostra o Quadro 1.

QUADRO 1: Tipos de Brownfields segundo o NBSP

TIPOLOGIA	CARACTERÍSTICAS
1	Terreno e/ou edifício desocupado, deteriorado, sem contaminação, requerendo intervenção
2	Terreno e/ou edifício parcialmente ocupado, deteriorado, sem contaminação, requerendo intervenção
3	Terreno e/ou edifício desocupado, deteriorado, contaminado, requerendo intervenção
4	Terreno e/ou edifício parcialmente ocupado, deteriorado, contaminado, requerendo intervenção
5	Terreno e/ou edifício abandonado, desocupado, deteriorado, contaminado, requerendo intervenção

Fonte: National Brownfield Site Project

Elaboração: IAOCHITE, J.C. (2004)

No caso do município de Americana, objeto deste estudo, os *brownfields* encontrados fazem parte da tipologia 1, pois são edifícios abandonados, que estão deteriorados, mas não estão contaminados, requerendo uma intervenção para um reuso.

Outros termos são encontrados na Literatura como sinônimos de *brownfields*, entre eles: *friches industrielles* (França); *derelict land* (Reino Unido); *vaciado industrial* (Espanha); *sltstandorte ou attbastein* (Alemanha).

Kivell (1992, p.118) define *derelict land* como:

“áreas abandonadas e degradadas pelo uso industrial, ou por outra causa, e que precisam ser tratadas para serem utilizadas novamente”.

A França também vem estudando intensamente as áreas abandonadas, as quais são denominadas de *friches industrielles*. Bruyelle (1992, p.113) define assim as friches:

“terrenos e/ou edifícios outrora utilizados para fins econômicos, atualmente totalmente ou em grande parte abandonados por suas utilizações, e degradados de tal maneira que todo novo uso não é possível sem que seja feito um notável redesevolvimento”.

Para Merlin et Choay (1985, p.125), *friches industrielles* são:

“terrenos abandonados pelas indústrias, por estas terem sido realocizadas ou cessadas as suas atividades. Esta expressão é indicada aos terrenos ainda ocupados por construções de indústrias, não demolidos, mas inutilizados”.

Datar (1985) afirma que as *friches industrielles* causam problemas ao entorno devido a alguns fatores:

- Contribuem para desvalorizar o entorno;
- Deterioram a imagem de uma cidade perante a opinião pública e os investidores;
- Provocam cortes no tecido urbano;
- Podem ser objetos de ocupação clandestina, desvalorizando ainda mais o entorno;
- Podem representar riscos à segurança, à saúde pública e aos ecossistemas.

Na Alemanha, os terrenos abandonados recebem duas denominações. Segundo Sanchez (2001, p.29), utilizam-se os termos *sltstandorte*, que são antigos sítios industriais, e *attbastein*, que significa carga do passado, uma herança.

Como podemos observar, os estudos de áreas abandonadas, sejam elas industriais, residenciais ou comerciais, vem ganhando destaque em diversos países, cada qual com sua denominação. Mas estas definições têm alguns aspectos comuns, dentre os quais podemos citar: o uso anterior da propriedade; abandono; possibilidade de reuso destes espaços.

No Brasil, estes estudos⁹ ainda estão surgindo e requerem mais pesquisas sobre o assunto, pois temos diversas e grandes áreas que foram abandonadas cada vez que um ciclo econômico se fazia presente, com a desconcentração industrial da metrópole paulista, ou quando uma abertura

⁹ Destacam-se as denominações de “passivo ambiental (SANCHEZ, 2001) e de “espaços residuais” (SOUZA, 2002).

comercial, como ocorreu na década de 90, interferia nas estruturas produtivas.

É importante analisar os *brownfields* avaliando a capacidade de revalorização e sua localização, pois cada lugar apresenta características singulares, restrições e potencialidades. Cada lugar é único

“no sentido de seus atributos naturais, econômicos, antropológicos, históricos, sociais e políticos, havendo, portanto, conteúdo material e imaterial, não sendo reproduzível ou copiável, gerando uma espiral de competição interterritorial”
(SWYNGEDOUW apud DINIZ, s/d, p.8).

Deste modo, através de dois exemplos que apresentaremos a seguir, procuraremos demonstrar que alguns municípios, Estados ou países estarão mais aptos às mudanças urbanas, e outros, como é o caso do município de Americana, passam por um processo de inércia espacial.

1.2. Estudos de caso: os *derelict land* no Reino Unido e os *brownfields* em Pittsburgh (EUA)

Procurando avançar em nossas reflexões acerca das diferentes concepções e estudos, entre os projetos pesquisados que envolvem as áreas de “*brownfield*”, selecionamos duas regiões, uma na Inglaterra e outra nos Estados Unidos. Estas duas regiões apresentam áreas de “*brownfields*”, que eram antigas indústrias.

1.2.1. As áreas de “*derelict land*” no Reino Unido

Na velha região industrial da Europa, a transição de indústria pesada para uma economia baseada em conhecimento deixou várias regiões abandonadas e prejudicadas. A paisagem do Reino Unido é uma herança de um passado industrial, que desde a reestruturação econômica, em 1980, tem apresentado uma grande quantidade de áreas abandonadas, que são negligenciadas. Estas áreas recebem o nome de “*derelict land*”. Esta “herança” também pode ser observada no município de Americana – SP, onde a indústria têxtil teve seu auge e, após uma reestruturação produtiva, entrou em decadência, deixando no espaço urbano marcas deste passado “glorioso”, o que será visto no Capítulo 2.

Segundo o Departamento de Meio Ambiente do Reino Unido (1991), “*derelict land*” pode ser definida como ‘*área prejudicada pelo desenvolvimento industrial ou outro desenvolvimento, que não é passível de ser reutilizada sem um tratamento prévio*’.

No Reino Unido, o estoque de áreas abandonadas, segundo o Departamento de Meio Ambiente, em 1995, era de 40.000 hectares, sendo que 10.000 hectares já foram restaurados. Estas restaurações são conduzidas pelo ‘*Derelict Land Grant*’, que até 1991 concentrou as restaurações das áreas abandonadas e o redesenvolvimento de “*brownfields*”.

Apesar da política privilegiar o redesenvolvimento por completo, o uso ‘soft’ é o mais comum, devido ao número de razões técnicas e econômicas. As áreas abandonadas geralmente estão localizadas em regiões periféricas, onde o acesso é difícil e não há atrativos para

investimentos internos. Além disso, os locais podem estar contaminados ou estruturalmente incapazes de suportar o desenvolvimento, sem antes haver um considerável e expansivo trabalho, que provavelmente custará mais do que o valor da área.

O abandono também não é atrativo para os moradores locais e nem para potenciais investidores. Daí a necessidade de melhorar a estética e a qualidade funcional destes locais. A presença de áreas abandonadas exacerba os problemas que muitos locais vivem como resultado do declínio industrial, tais como: falta de investimento, perda de qualidade de vida da população local e perda de qualidade ambiental.

Geralmente, as autoridades locais e outras agências usam técnicas menos difíceis e menos caras para a restauração de áreas abandonadas. A conservação natural, através da restauração da paisagem, tem sido uma solução encontrada pelos especialistas para dar um novo uso para estas áreas que, a princípio, não têm perspectiva de uso econômico.

A conservação natural promove uma sustentabilidade da área, fornecendo alguns benefícios, como segurança, uso da terra compatível, benefício visual, usos atrativos, entre outros. A conservação natural é, possivelmente, a melhor opção para áreas abandonadas onde o redensolvimento é inviável e ela vem sendo amplamente difundida nas regiões que apresentam os “*derelict land*”.

Um exemplo de onde a conservação natural tem sido usada para restaurar área abandonada é *Bold Moss*, uma antiga mina de carvão, totalmente danificada, localizada em St. Helena, Merseyside. O local foi comprado pela *Groundwork Trust*, em 1990, que, através de doações de

ONGs e parcerias com o governo local e a população local, fez melhorias satisfatórias nesta área anteriormente abandonada. O local tem agora um número considerável de habitantes e os investimentos internos começam a surgir. Os mecanismos usados em *Bold Moss*, através do enfoque ecológico para restauração de “*derelict land*”, têm sido uma maneira de proporcionar ao local não somente uma sustentabilidade ecológica, mas também uma sustentabilidade social.

Em resumo, as principais características do enfoque ecológico são:

- Aterrar as áreas cobrindo-as com grãos naturais;
- Considerar a variabilidade físico-química como uma vantagem positiva – um recurso para a biodiversidade;
- Reconhecer que a espécie humana é assim como a natureza, parte integrante do ecossistema natural;
- Promover significativo engajamento social através do envolvimento efetivo da comunidade;
- Procurar alcançar sustentabilidade, a longo prazo, das paisagens restauradas¹⁰.

Podemos observar, através do exemplo acima, que nem sempre é possível redensificar totalmente uma área abandonada, principalmente quando ela não tem perspectiva imediata de ter novamente um uso econômico tradicional. Então, a conservação natural torna-se a opção mais viável e menos cara, maximizando os benefícios para a população local e reduzindo os custos de manutenção para os governos locais. Entretanto, é importante salientar que a comunidade local tem que estar completamente envolvida nos projetos de restauração, para produzir um sentido de “posse

¹⁰ Os dados contidos nesta parte do trabalho estão disponíveis em: www.brownfields.com (Brownfields and Urban Redeveloping). Acesso em várias datas.

da terra”, para que ela sinta-se parte integrante do ecossistema, cuidando dele da melhor maneira possível.

1.2.2. O Redesenvolvimento¹¹ de “*brownfields*” em Pittsburgh - EUA

O redesenvolvimento de “*brownfields*” tem se tornado um componente central do desenvolvimento urbano em antigas áreas industriais. A presença de “*brownfields*” é tida como indicador de áreas urbanas mais “pobres”, aumentando os problemas de revitalização dos bairros. Em algumas áreas de Pittsburgh isto se faz presente¹². Do lado norte próximo à região de Lawrenceville e ao longo do Rio Mon, os “*brownfields*” são pontos marcantes nessas paisagens e freqüentemente, estão localizados às margens dos rios, representando desinvestimento para a região.

O redesenvolvimento de “*brownfields*” é mais complicado do que o desenvolvimento econômico em geral, pois envolve fatores ambientais, legais, econômicos e da comunidade.

As razões pelas quais as antigas áreas industriais de Pittsburgh transformaram-se em “*brownfields*” são, principalmente, duas: a “desindustrialização” nos anos 1970 e a política pública norte-americana. A primeira está relacionada ao fechamento das instalações industriais nos anos 1970 e 1980. Este período de “desindustrialização” deixou muitos locais abandonados ou subutilizados, principalmente os que anteriormente

¹¹ A tradução de redevelopment como sendo redesenvolvimento foi mantida, embora não seja um termo bem adaptado à Língua Portuguesa.

¹² Disponível em: www.ce.cmu.edu/Brownfield (Universidade de Carnegie Mellon - Programa de Brownfields). Acesso em várias datas.

eram ocupados por usinas de processamento do aço. A segunda razão deve-se a um traço da própria política pública, que, em 1980, aprovou um Decreto de Responsabilidade, Compensação e Resposta Ambiental Compreensiva (CERCLA), mais conhecido como Superfundo, sob responsabilidade da Agência Nacional de Proteção Ambiental dos Estados Unidos (USEPA), cujas barreiras impostas acabaram dificultando a limpeza e o reuso dos locais contaminados.

Em 1990, devido ao retardamento de limpeza e reuso, imposto pelas Leis que regulamentam o Superfundo, 40 estados norte – americanos decidiram elaborar suas próprias leis, estabelecendo a limpeza e o reuso destes “*brownfields*”. A lei que regulamenta a limpeza e o reuso no estado da Pensilvânia, onde se localiza Pittsburgh, é de 1996. A *Land Recycling Act*, teve resultado em aproximadamente 800 locais, que foram limpos ou estão em processo de limpeza.

Apesar dos problemas, os “*brownfields*” representam oportunidades para revitalização de bairros mais antigos, quando há dificuldades para o redensolvimento completo. Geralmente, os “*brownfields*” estão localizados em áreas com rica infra-estrutura e oferecem atrativos para um novo desenvolvimento. Além disso, o redensolvimento de “*brownfields*” tem ajudado a diminuir a expansão para áreas suburbanas (*urban sprawl*).

Destacaremos aqui três exemplos de antigas áreas industriais que estavam abandonadas e que agora estão redensolidas e economicamente ativas. A cidade de Pittsburgh, com o auxílio da Agência Nacional de Proteção Ambiental (EPA), elaborou um projeto para uma área em *Nine Mile Run*, antes ocupada por uma antiga indústria do aço,

que apresentava uma grande dimensão – 240 acres (971.280 m²). Feita uma avaliação da situação desta área, foi proposto um novo uso, que é o da construção de um condomínio residencial com aproximadamente 700 residências para a classe alta. Os investimentos públicos em infra-estrutura foram estimados em aproximadamente U\$40 milhões. A iniciativa privada investiu U\$200, para recuperar as antigas residências, praças e parques.

Um outro exemplo de redensolvimento de “*brownfields*” em Pittsburgh é o do *Herr’s Island*, que antigamente abrigava um matadouro, e que agora, após uma limpeza e avaliação da área, transformou-se no *Washington Landing*, ao qual o redensolvimento propôs um uso misto, ou seja, voltado para a área comercial, industrial, residencial e de recreação.

A *Lectromelt Electroplating Plant* era uma antiga usina hidrelétrica situada ao longo do Rio Allegheny, que se transformou em um local apropriado para indústrias leves, as quais geraram para a região 200 empregos e investimentos de empresários da iniciativa privada.

O redensolvimento destas áreas só foi possível, além do auxílio da iniciativa privada, graças aos órgãos governamentais, que têm políticas públicas voltadas para o redensolvimento de antigas áreas abandonadas. A região de Pittsburgh conta então, hoje, com o *State Enterprise Zone (EZ)* e o *Pennsylvania’s Industrial Site Reuse Program (ISRP)*. O primeiro fornece recursos para a demolição e limpeza das áreas, enquanto que o segundo fornece recursos para a descontaminação ambiental.

Através dos exemplos acima podemos observar a importância do redensolvimento de antigas áreas abandonadas, o que, além de

impossibilita a expansão urbana, aproveita a infra-estrutura existente, além de melhorar a qualidade ambiental e de vida da população.

1.3. A busca por uma definição de *brownfield* que considere a realidade brasileira

Como foi possível observar, através da análise bibliográfica referente ao termo “*brownfield*”, os estudos desenvolvidos são feitos por países que consideram a realidade por eles vivida. Desta forma, para aplicar este conceito para a realidade brasileira, é preciso um estudo aprofundado do mesmo. Além disso, o objetivo principal desta pesquisa não é elaborar um estudo sobre o termo “*brownfield*”, mas sim fazer uma análise de como estas formas podem ser discutidas à luz da realidade sócio – espacial brasileira, que também apresenta áreas abandonadas e que necessitam de projetos de revalorização para melhorar a qualidade de vida nas cidades.

Através da Revisão Bibliográfica, encontramos dois Autores que também trabalham com áreas abandonadas, que antes eram ocupadas por indústrias.

Sanchez¹³ (2001) aborda a questão dos espaços abandonados denominados de “passivo ambiental”, termo que é empregado num sentido amplo, não se reduzindo àquilo que é contabilizável. Segundo o Autor, “passivo ambiental” pode ser definido como:

*“o acúmulo de danos ambientais
que devem ser reparados a fim de que seja*

¹³ SANCHEZ, L.E. “Desengenharia – O Passivo Ambiental na Desativação de Empreendimentos Industriais”, 2001

mantida a qualidade ambiental de um determinado local....

O termo passivo ambiental é empregado com frequência no sentido monetário, para conotar o acúmulo de danos infligidos ao meio natural por uma determinada atividade ou pelo conjunto de ações humanas, danos esses que muitas vezes não podem ser avaliados economicamente. Representa, num sentido figurado, uma ‘dívida’ para com as gerações futuras”(SANCHEZ, 2001, pp.18-19).

Nesse mesmo raciocínio, do conceito de passivo definido como uma herança, podemos dizer que existe também um “passivo social” – o desemprego, doenças respiratórias causadas pela poluição do ar, enfermidades desencadeadas pela presença de poluentes na água e no solo, atividades com altos índices de acidentes de trabalhos e outros.

E, finalmente, temos também o “passivo espacial”, que são as áreas que foram abandonadas, geralmente em áreas de rica infra-estrutura, e que, por estarem sem uso, podem acarretar um espraiamento urbano, isto é, fazer com que áreas mais periféricas se desenvolvam, acarretando mais custos ao município, já que este necessita dotar estas áreas de infra-estrutura.

O passivo espacial está diretamente ligado aos “terrenos vagos”¹⁴, que forçam as cidades à expansão desmensurada, encarecendo os equipamentos urbanos e comunitários. Na verdade, os proprietários retêm esses espaços para especulação imobiliária, comportamento este extremamente danoso, tanto para os incorporadores imobiliários, que se vêem privados de terrenos para exercer sua atividade, como do ponto de

¹⁴ SOUZA, C.L (2002)

vista urbanístico. Esta questão está contemplada no Estatuto da Cidade, aprovado em 2000. O artigo 8º do Capítulo II, referente à Função Social da Propriedade, esclarece que: “configuram abuso de direito e da função social da propriedade a retenção especulativa de solo urbano não construído ou qualquer outra forma de deixá-lo subutilizado ou não utilizado”.

“O Estatuto da Cidade regulamenta dispositivos que procuram combater a especulação imobiliária nas cidades. A partir de agora, áreas consideradas vazias ou subutilizadas, situadas em regiões dotadas de infra-estrutura, estão sujeitas à edificação e parcelamento compulsórios... O município tem o poder de determinar os critérios de definição das terras que considera ociosas ou subutilizadas, e poderá definir prazos e condições para induzir o aproveitamento dos terrenos pelos proprietários... No caso do não cumprimento dos prazos ou condições da edificação ou utilização compulsória, o Município poderá aplicar sobre esses terrenos o instrumento do IPTU progressivo no tempo...Esse conjunto de instrumentos – edificação compulsória, IPTU progressivo e desapropriação com pagamento em títulos da dívida pública – pode representar uma possibilidade de intervir no crescimento da cidade, promovendo uma ocupação mais intensa nas áreas onde a infra-estrutura é mais presente e, dessa maneira, reduzindo a pressão pela urbanização das áreas periféricas, sem infra-estrutura e ambientalmente frágeis. Este combate ao espraiamento significa também menores necessidades de deslocamento, otimizando a malha viária e as redes de transporte público. Estão também disponíveis no Estatuto instrumentos que permitem que o Poder Público financie parte dos investimentos que realiza no espaço urbano, de forma que os empreendedores paguem ao Município em força do direito de edificar – é o caso do solo-criado e das operações urbanas” (CYMBALISTA, 2001, p.p.1-2) .

Estes instrumentos fazem com que haja um melhor aproveitamento do espaço urbano, bem como da infra-estrutura existente, promovendo a refuncionalização de áreas abandonadas.

Segundo Sanchez (2001), as instalações industriais têm um ciclo de vida que deve ser considerado no momento da implantação, para que depois não haja o abandono desta área, deixando como “herança” o passivo ambiental.

“O abandono é ambientalmente perigoso, socialmente injusto e, economicamente, pode representar um desperdício de recursos”
(SANCHEZ, 2001, p.22).

O mesmo Autor destaca, ainda, as razões pelas quais uma indústria fecha e abandona o espaço de produção. São elas: razões econômicas, comerciais, sociais ou ambientais, pois elas perdem competitividade, mercado e precisam se adaptar às novas formas de produção. Além disso, muitas indústrias tornam-se obsoletas, precisando se modernizar e reorganizar o espaço de produção. O Quadro 2 ilustra, sob a perspectiva geográfica, a questão do aparecimento de áreas abandonadas, mostrando os principais empreendimentos econômicos, sua vida útil, as razões mais comuns de fechamento e os passivos ambientais para cada caso.

Sanchez afirma também que :

“o processo de Globalização e a liberalização do comércio mundial tem alterado radicalmente os mercados de produtos industriais, estimulando a realocação de inúmeras empresas e mesmo de setores industriais inteiros”
(SANCHEZ, 2001, p.23)

Esta questão da abertura comercial, que tem levado à formação de *brownfields*, será melhor discutida no Capítulo 2, já que esta foi uma das principais causas do fechamento de inúmeras indústrias têxteis no município de Americana.

QUADRO 2: Desativação de Empreendimentos

Empreendimento	Vida Útil	Principais Razões para o fechamento	Principais Passivos Ambientais
Indústrias	Indeterminada	- obsolescência - mercado - impactos ambientais	- solos contaminados - aquíferos poluídos - resíduos tóxicos
Minas	Determinada mas variável	- exaustão - obsolescência - mercado - impactos ambientais	- escavações - águas de subsidência - áreas alagadas - pilhas estéreis - barragens de rejeitos
Depósitos de resíduos	Determinada mas variável	- exaustão - mercado - impactos ambientais	- risco de migração de poluentes - risco de explosão de gás - solos contaminados

Fonte: SANCHEZ (2001, p.78)

Outro autor que também aborda o tema de áreas abandonadas é o arquiteto Carlos Leite de SOUZA¹⁵, o qual trata dos antigos galpões industriais que seguiam a orla ferroviária e, hoje, por razões econômicas, estão abandonados. O Autor denomina os espaços abandonados de “terreno vago”, cujo termo tem origem francesa (“*terrain vague*”). ‘Terreno vago’ significa, para o Autor,

“área sem limites claros, sem uso atual, constituindo normalmente uma ruptura no tecido urbano”
(SOUZA, 2002, p.110).

Além disso, este termo pode significar também uma “*área disponível, cheia de expectativas, com forte memória urbana, a memória de seu uso anterior parece maior que seu uso atual, potencialmente única, o espaço do possível, do futuro, a possibilidade do novo*” (SOUZA, 2002, p.110-111).

Esta última definição vem contribuir com a questão abordada neste trabalho, que é a possibilidade e a importância da revalorização destas áreas abandonadas, trazendo para o local uma dinâmica sócio – espacial. Segundo Souza (2002), estes terrenos vagos são ‘espaços residuais’, “*que surgem devido ao processo de mudança na forma capitalista e de seus reflexos no território*” (SOUZA, 2002, p.111). Para ele, estes espaços são consequência direta das mutações urbanas, que são causadas pela desconcentração industrial, no caso da Região Metropolitana de São Paulo. No caso do Município de Americana, a reestruturação produtiva e a abertura comercial são as principais causas das áreas abandonadas pelas antigas indústrias têxteis.

¹⁵ SOUZA, C.L. “Fraturas Urbanas e a Possibilidade de Construção de Novas Territorialidades Metropolitanas: A Orla Ferroviária Paulistana”, 2002.

Através dos autores Sanchez (2001) e Souza (2002), podemos observar que o estudo de áreas abandonadas, que eram ocupadas por atividades econômicas relevantes, ainda é recente no Brasil, necessitando de novas pesquisas que aprofundem o tema.

O Grupo de Estudos da Pós-Graduação em Geografia, da Unesp – Rio Claro, denominado “Análise Territorial com o Suporte de Geotecnologias (sub-área: Análise Sócio-Espacial)¹⁶”, define “*brownfield*” como

“um arcabouço físico – territorial abandonado, contaminado ou não, de uma atividade sócio-econômica relevante, num determinado período de tempo, passível de redensolvimento”.

Podemos observar que nesta definição, diferentemente da Agência Nacional de Proteção Ambiental (EUA), a questão da contaminação real não é o ponto mais relevante para uma área ser considerada “*brownfield*”. A questão da “contaminação percebida” deve ser considerada no estudo de áreas abandonadas, pois envolve também uma “degradação da paisagem”. Tratando esta questão desta forma, a análise da paisagem envolveria uma perspectiva mais horizontal do processo de sua transformação, na qual estaria implícita uma análise sócio-espacial, indo além dos fatores ambientais. Entretanto, no caso dos *brownfields* norte-

¹⁶O Grupo de Estudos vem abordando a questão dos “*brownfields*”, no estado de São Paulo, desde 2002, quando foi firmado um Convênio com as Universidades norte – americanas de Pittsburgh e Carnigie Mellon, e tem como um de seus objetivos tentar encontrar uma definição para o termo “*brownfield*”, que considere a realidade brasileira.

americanos, por se tratarem de antigas áreas industriais de produção de aço, a contaminação vertical ou “contaminação real” pode ser considerada, pois se trata da questão mais relevante na análise da produção daquele espaço.

Na definição acima citada, dois fatores são relevantes para considerar uma área como “*brownfield*”. O primeiro está relacionado com o abandono, não puro e simples, mas ocorrido por alguns fatores, sejam eles econômicos ou legais. No caso desta pesquisa, o abandono das áreas de produção das indústrias têxteis no município de Americana – SP e a posterior formação de áreas de “*brownfield*”, ocorreram devido aos fatores econômicos, como a reestruturação produtiva e a abertura comercial ocorrida com o processo de Globalização.

O segundo fator diz respeito à área abandonada ter tido uma atividade econômica relevante, ou seja, ter sido uma indústria ou uma área comercial, com importância significativa para o contexto econômico do município. As antigas indústrias têxteis – objetos de estudo desta pesquisa, tiveram no município de Americana – SP - uma grande importância, pois a cidade se transformou num importante parque industrial têxtil, passando a ser conhecida como a “Princesa Tecelã” – a Capital Nacional do Tecido (Mendes, 1999, p.93). Além disso, foram as indústrias têxteis que deram ao município de Americana – SP - destaque no cenário econômico, desenvolvendo-o e trazendo progresso sócio-econômico.

Notadamente a busca por uma definição de *brownfield*, que considere a realidade brasileira, demandará diversos estudos de casos e, somente após estas diferentes contribuições, poderemos compor um quadro teórico – metodológico para estes estudos brasileiros. Um Autor

que vem contribuindo para nossas reflexões é Santos, principalmente quando nos adverte que:

“... o tempo (processo) é uma propriedade fundamental na relação entre forma, função e estrutura, pois é ele que indica o movimento do passado ao presente. Cada forma sobre a paisagem é criada como resposta a certas necessidades ou funções do presente. O tempo vai passando, mas a forma continua a existir. Conseqüentemente, o passado técnico da forma é uma realidade a ser levada em consideração quando se tenta analisar o espaço. As mudanças estruturais não podem recriar todas as formas e, assim, somos obrigados a usar as formas do passado. A flexibilidade na construção de novas formas, quando a sociedade está passando por mudanças estruturais, decresce com o tempo, em decorrência da imobilidade inerente que por vezes caracteriza a forma preexistente... Face à durabilidade das formas, a construção da paisagem converte-se em um legado aos tempos futuros”¹⁷.

Neste sentido, o grande desafio que este trabalho apresenta é o de estudar estas áreas que foram abandonadas pelas antigas indústrias têxteis, gerando os “*brownfields*”, e as possibilidades de revalorizá-las para que não ocorra um desperdício espacial, ou seja, utilizar a infra-estrutura já existente na área, melhorando o aproveitamento do uso do espaço, a qualidade de vida e ambiental do entorno, considerando a perspectiva do desenvolvimento local.

¹⁷ SANTOS, M. **Espaço.....** op.cit., p.54.

Capítulo 2 – Americana: do apogeu da indústria têxtil à crise e à formação de *brownfields*

O município de Americana¹⁸ está localizado na região leste do Estado de São Paulo, região sudeste do Brasil, 2º fuso horário brasileiro (3h atrasado em relação ao Meridiano de Greenwich), conforme mostra a Figura 1. Tem como principais Vias de Acesso as Rodovias Anhanguera – SP330 (uma das mais importantes do Estado de São Paulo) e a Luiz de Queiroz - SP 304. A área total do município é de 144 km², estando ocupados 86 Km². A taxa de urbanização é de 99,8%, sendo muito baixa a população rural, que é de apenas 469 habitantes, enquanto a urbana chega a 196.876 habitantes. Atualmente, os setores econômicos mais relevantes no município são os do comércio, com 5575 estabelecimentos, e o de prestação de serviços, com 7676 estabelecimentos. O setor industrial, que nos anos de 1950 a 1980 foi o setor mais importante e o que mais empregava mão-de-obra, hoje conta com 1576 indústrias. Essa redução deve-se a alguns fatores internos e externos, como veremos a seguir.

A abertura comercial na década de 1990 foi, entre outros fatores, a responsável pelo fechamento de inúmeras indústrias têxteis no município de Americana. Estas indústrias, ao encerrarem suas atividades, abandonando a área produtiva, geraram os *brownfields*.

¹⁸ A origem do nome está ligada à imigração de norte-americanos. Devido à presença constante desses imigrantes, o povoado que foi sendo formado nas imediações da Estação passou a ser conhecido como Villa dos Americanos, Villa Americana, e deu origem à atual cidade de Americana.

Fig. 1 - Localização do Município de Americana no Estado



Fonte: Des. Gilberto D'Henrique

As indústrias que ainda se mantêm nas áreas centrais passam, atualmente, por um processo de inércia espacial, sendo espaços potenciais de transformação em *brownfields*.

“O processo de inércia interfere na organização espacial da cidade, na medida em que certos usos da terra permanecem em certos locais, apesar das causas que justificaram a sua localização terem cessado de atuar” (CORRÊA, 2001, pp.136-137).

Estas áreas de inércia enfrentam problemas devido a sua localização na área central, pois não condizem com a Legislação Urbana vigente. Segundo o Estatuto da Cidade, aprovado em 2000, na seção X, que diz respeito ao Estudo de Impacto de Vizinhança (EIV), o Poder Público Municipal é quem deve elaborar este estudo para definir quais

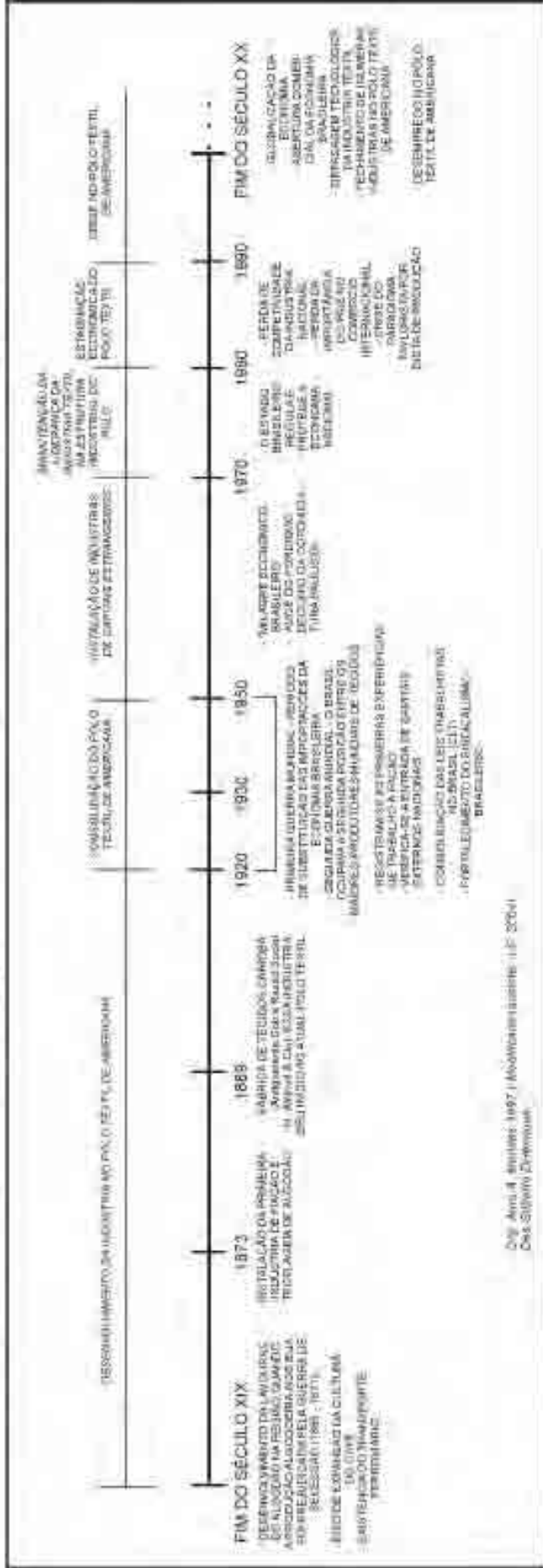
empreendimentos e atividades privados e públicos em área urbana, poderão ser construídos ou funcionar. No caso das indústrias têxteis que ainda estão instaladas em áreas mais antigas, onde agora há o predomínio de residências, estas terão de se transferir para outros locais, pois a população residente reclama dos ruídos.

O marco histórico desta pesquisa é a década de 1990 ¹⁹. Isto se justifica pelo fato de ter ocorrido nesse período a abertura comercial, consequência do processo de Globalização. Este processo possibilitou algumas modificações que refletem as grandes transformações ocorridas no campo econômico, dentre as quais podemos destacar a emergência de novas tecnologias de informação e a formação de uma sociedade em rede (CASTELLS, 1999, p.87-93). Estas novas tecnologias modificaram o modo de produzir, trazendo consequências sócio-espaciais, dentre as quais a formação de *brownfields*.

A Figura 2 mostra a Origem, a Evolução e a Crise do setor têxtil americanense. Esta figura ilustra a intenção deste Capítulo, que é o de mostrar como a indústria têxtil se consolidou em Americana, até a crise que fez com que surgissem neste município os *brownfields*.

¹⁹ Embora a maioria das indústrias abandonadas date de 1990, escolhemos uma que foi fechada em 1977, a Fábrica de Tecidos Carioba, pela sua importância histórica e representatividade da fase áurea da indústria têxtil americanense.

FIGURA 2: ORIGEM, EVOLUÇÃO E CRISE DO PÓLO TÊXTIL DE AMERICANA - SP.



Out. Anuário, setembro 1997 / ModWwwwwwissatite (13: 3264)
 Das-Sistema Zentronat

2.1. Da Fábrica de Tecidos Carioba à Consolidação do Pólo Têxtil

Na história da economia brasileira, o setor têxtil teve um papel fundamental no desenvolvimento da indústria. Cabe lembrar que a indústria têxtil nacional teve seu começo com a produção têxtil algodoeira, no fim do século XIX e início do século XX, formada por capitais da indústria cafeeira.

Sobre o setor têxtil, Simonsen (1973) relata que, em São Paulo, no ano de 1885, existiam em funcionamento 13 fábricas têxteis com 1670 operários. Dessa forma, o primeiro surto industrial no país ocorreu na década de 1880 a 1890.

Mas, desde a década de 1870, as condições para o surgimento da indústria algodoeira, em território paulista, já estavam assentadas.

Conforme esclarece Canabrava (1951), Melo (1981) e Ribeiro (1988), muitos fatores contribuíram para que a indústria têxtil tivesse êxito na província de São Paulo:

- disponibilidade de matéria-prima (algodão);
- mercado local protegido por elevados direitos aduaneiros;
- a demanda crescente por tecidos grosseiros para ensacar café, açúcar, etc, e para vestir os escravos e trabalhadores;
- diversificação dos investimentos dos cafeicultores em ferrovias, bancos e indústrias têxteis de algodão.

As fábricas localizavam-se, predominantemente, no interior do estado, nas zonas produtoras de algodão: Sorocaba, Salto, Itu, Americana, Tatuí, entre outras.

Entre 1885 e 1895, ocorreu um grande desenvolvimento na indústria brasileira, com a abertura de novas fábricas e expansão das unidades já existentes. Os estabelecimentos têxteis passaram a produzir um tipo de tecido de algodão mais fino, em cores, e instalaram as estamparias (SUZIGAN, 1986, p.139).

Considerando o período que vai até a década de 30, Cano (1990) observa que a indústria têxtil perfazia quase 90% do total da indústria nacional, com o domínio da produção de tecidos de algodão. São Paulo, no caso, colaborava com 30% da produção nacional.

Como podemos observar, o setor têxtil sempre ocupou um lugar de destaque na economia nacional, sendo o estado de São Paulo o de maior evidência, principalmente no interior, onde se destaca o município de Americana.

A indústria têxtil teve em Americana uma importância significativa, ganhando destaque no cenário nacional. Tudo começou com uma fábrica de tecidos, a qual mais tarde impulsionaria o desenvolvimento do setor têxtil e a posterior consolidação do Pólo Têxtil de Americana.

O ano é o de 1875²⁰. Surge a primeira fábrica de tecidos, instalada na Fazenda Salto Grande, por Antonio e Augusto de Souza Queiroz, em sociedade com o engenheiro americano William Pultney Ralston, denominada de Carioba, com a finalidade de fabricar tecidos para vestir escravos e servir como embalagens de café e cereais produzidos na Fazenda Salto Grande (Ver Figura 3, p.37). Nesta época a fábrica, que empregava 34 operários, contava com apenas 28 teares, fiação e preparação.

²⁰ Os dados históricos referentes à Vila Carioba tiveram como base a **Revista Projeto Raízes – Americana e sua História**. Secretaria Municipal de Cultura. Prefeitura Municipal de Americana.

Nos longínquos anos de 1875, não havia energia elétrica na região e as máquinas eram movimentadas pelas águas do Ribeirão Quilombo. A matéria-prima era o algodão produzido em larga escala pelos imigrantes americanos estabelecidos na região.

Em 1882, a firma é vendida para os irmãos Clement e Jorge Willmot, que ampliam a indústria e a denominam de Fábrica de Tecidos Carioba. Inicia-se, então, a construção da vila operária.

O ano de 1886 é de crise. Os irmãos Willmot, devido a uma série de circunstâncias, como a concorrência externa no mercado de tecidos, a abolição da escravidão e dívidas junto ao Banco do Brasil, fecham a fábrica.

As famílias que residiam em Carioba transferem-se para a Villa Americana e só retornam à vila quando a fábrica é reaberta, no final de 1901, sob a direção do comendador alemão Franz Muller.

É o apogeu da Vila Carioba. Inicia-se um período de muitos progressos, dentre os quais destaca-se a construção da Usina de Salto Grande (Figura 4, p.38), que gerava a própria energia elétrica para os moradores.

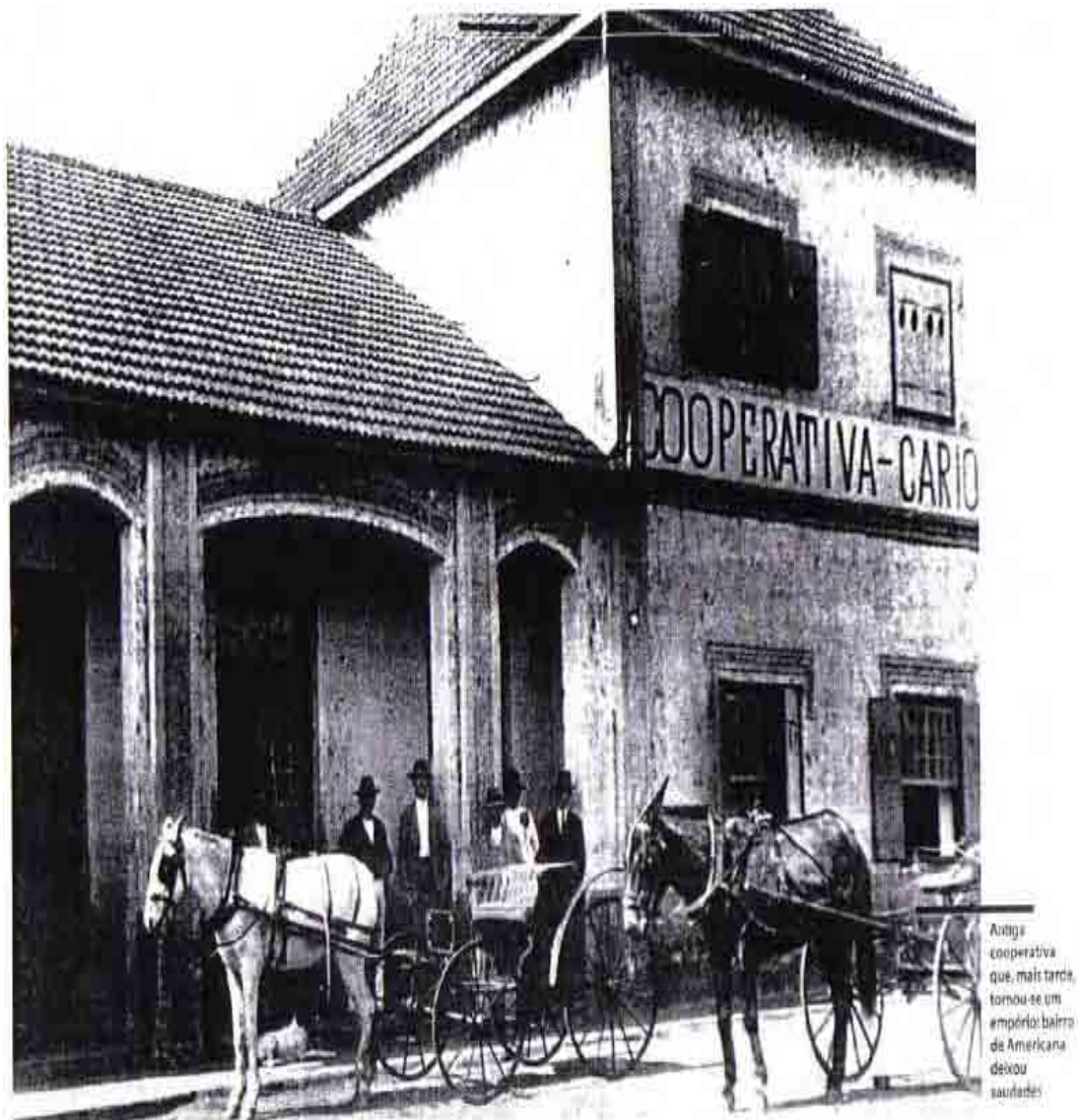


Figura 3: Entrada do Bairro Carioba em 1905.
Fonte: Arquivo do Jornal O Liberal.



Usina Salto Grande - Rio Atibaia 1911

Figura 4: Usina Salto Grande, construída para fornecer energia para Carioba
Fonte: Projeto Raízes – Secretaria de Cultura de Americana.

A fábrica de tecidos e a Vila Carioba representam uma concepção nova de trabalho e ocupação do espaço. Constitui-se uma vila em moldes europeus. Era a “*belle époque*” da vila. Ruas pavimentadas, água encanada, praças e jardins bem cuidados, biblioteca, cinema, pomposo hotel e os clubes, que faziam inveja à própria Americana (Figura 5, p.40).

Neste período, a tecelagem empregava aproximadamente 1200 operários. Estes, dispunham de escolas para seus filhos, biblioteca, assistência médica e odontológica. Organizavam banda de música, clubes de futebol, bolas de cesto e regatas no rio Piracicaba.

“O Clube Recreativo e Esportivo Carioba tinha uma completa biblioteca, com os mais variados livros de autores mundialmente conhecidos. O clube era também assinante de jornais: O Estado de São Paulo, Diário de São Paulo, a Folha da Manhã, bem como as revistas da época: Eu sei tudo, Cigarra, Careta, Seleções e outras” (Indivíduo A)²¹.

Os próprios trabalhadores fundaram uma cooperativa mista para o fornecimento de alimentos à população e a Sociedade de Mútuo Socorro para auxílio em casos de doenças (Sociedade inspirada em estatutos da Itália).

“Os operários contavam com a estrutura da Vila Carioba que possuía armazéns, bazares, escritórios, confeitarias, hotel, restaurante, alfaiataria. Havia também a cooperativa autogestada por trabalhadores e também uma escola especialmente construída para os filhos. Residiam em casas construídas pelos proprietários da fábrica, onde contavam com água encanada e energia elétrica. Os moradores da vila eram assistidos pela Sociedade Mútuo Socorro, pequeno hospital que atendia aos problemas de saúde local, que era administrado pela comunidade operária” (Indivíduo B)²².

“... hoje está tudo derrubado, mas tinha cinema, bola ao cesto, coreto, banda. Chamava Clube Recreativo e Esportivo Carioba e era administrado pelos próprios funcionários, não havia interferência da direção da fábrica” (Indivíduo C)²³.

²¹ Depoimento dado à Revista Projeto Raízes – Secretaria de Cultura de Americana.

²² Idem 19

²³ Ibidem 19



Clube Recreativo Carioba



Carioba - hotel do Sr. Pedro Rastelo

37

Figura 5: A *belle époque* de Carioba. O Clube e o Hotel de Carioba na década de 20.

Fonte: Secretaria Municipal de Cultura – Americana (SP)

Carioba, na década de 1910 a 1920, era um bairro que se rivalizava em importância com a própria Villa Americana. Intensa atividade esportiva e cultural se desenvolvia no bairro, o que atraía os moradores de Americana e de cidades vizinhas (Figura 6, p.41).

“aflora a representatividade do bairro não só regionalmente mas a nível estadual. No período do apogeu de Carioba, dos anos 10 até meados da década de 30, esse povoado era referência para negociantes e figuras ilustres da sociedade paulistana, que muitas

vezes, desconhecia Americana como cidade” (MORELLI, 2002, p.33).



Figura 6: Carioba na década de 1920.

Fonte: Arquivo Jornal O Liberal

Mas, em 1944, uma nova crise se desencadeia em Carioba. A Família Muller se afasta da direção da Fábrica de Tecidos Carioba, devido às restrições impostas aos descendentes de alemães, durante a Segunda Guerra Mundial, e isto culmina na venda da fábrica para o grupo J.J.Abdalla.

Os novos dirigentes até tentaram expandir a indústria, mas enfrentaram muitas dificuldades. Antigas famílias transferiram-se para Americana. Havia também a

concorrência de novas indústrias e a mudança de hábitos dos consumidores mais propensos ao consumo de outros tecidos, em substituição ao algodão.

A vila foi sendo fechada, perdendo sua ligação com a cidade de Americana, deixando de ser seu principal centro de lazer e produção.

O ano de 1977 marca o fechamento da Fábrica de Tecidos Carioba, a célula-motor da indústria têxtil de Americana. Mas, até os dias de hoje ela é lembrada como o grande símbolo da fase promissora da indústria têxtil americanense.

Atualmente a Fábrica Carioba está abandonada, tornando-se um *brownfield* no espaço urbano, e necessitando, portanto, ser revalorizada para que sua relevância econômica, social e cultural não seja destruída junto com os seus alicerces.

Este assunto será abordado no Capítulo 3, cujo objetivo é o de apresentar a visão da comunidade do entorno e do Poder Público local, bem como as propostas de revalorização para este espaço.

Como já dito anteriormente, a Fábrica de Tecidos Carioba foi a mola propulsora da atividade têxtil americanense, que depois se irradiou para a Villa Americana, principalmente a partir de 1940.

Os anos 1940 chegam com grande entusiasmo na indústria, que é favorecida pelo advento dos fios artificiais. O centro da atividade têxtil passa então à Americana, num deslocamento ocasionado tanto pelas dificuldades sofridas na indústria Carioba, quanto

pelo fato da estrutura fabril já se encontrar consolidada no centro urbano, através do processo desencadeado pelo façõnismo²⁴(MORELLI, 2002, p.51).

Por volta de 1940, a indústria têxtil de Americana teve grande impulso com a eclosão da Segunda Guerra Mundial, quando o Brasil passou a exportar tecidos para os Aliados, que se encontravam com suas indústrias mobilizadas para a guerra. Nessa ocasião, grandes firmas como a Matarazzo vendiam teares à prestação aos tecelões de Americana, fornecendo o fio para o urdimento de tecidos, no sistema façõnista.

Muitas das atuais grandes indústrias têxteis americanenses tiveram origem no chamado “fundo de quintal”, onde toda a família se revezava no serviço para o pagamento das prestações de compra das máquinas.

As primeiras experiências de trabalho a fação foram registradas por volta de 1929. Rodrigues (1978, p.19-27) indicou fatores importantes para o desenvolvimento e multiplicação da indústria façõnista, quais sejam:

- a presença da Fábrica de Tecidos Carioba, que influenciou no aparecimento dos primeiros façõnistas;
- a instalação de algumas firmas autônomas de médio porte, ligadas à industrialização da seda, na segunda década do século XX, cuja produção industrial era insuficiente para a grande procura da época, dando oportunidade para que as “fabriquetas façõnistas” encontrassem, na própria Villa Americana, os serviços que necessitavam para mover seus teares;
- a relativa facilidade de obtenção de máquinas oferecidas pelas indústrias pioneiras de fabricação de teares, que se instalaram na capital paulista por volta de 1930;

²⁴ Do francês *façonner*: trabalhar, fabricar. Modalidade de terceirização de serviços, em que a grande indústria fornece matéria-prima, no caso, o fio, para o pequeno industrial complementar sua produção em momento de maior demanda, pagando apenas pela mão-de-obra, sem assumir o risco de investir em novas máquinas e implementos.

- a automatização da indústria têxtil iniciada nos grandes centros urbanos, principalmente na capital do estado, acelerando a multiplicação destes estabelecimentos façonistas em Americana, graças às facilidades oferecidas por aquelas indústrias, em renovação, na venda dos seus teares usados, muitos já obsoletos;
- a mão-de-obra, apesar de pouco especializada, foi sempre abundante, tendo as indústrias façonistas muita facilidade para encontrar empregados.

A procedência destas empresas façonistas acabou por influenciar a distribuição espacial da indústria em Americana, que persiste até hoje e gera uma convivência instável com as residências lindeiras, uma vez que o crescimento destas pequenas unidades fabris estimulou sua permanência nos bairros centrais, como Vila Redher, Conserva e Cordenonsi. Como já visto, esta localização na área central fez com que inúmeras indústrias passassem por uma inércia, o que mais tarde levou ao fechamento destas áreas, formando os *brownfields*.

Em 1941, foi criada a Cooperativa Industrial de Tecidos de Rayon²⁵ de Americana – CITRA – primeira experiência cooperativista no campo têxtil, que se transformou em Companhia em 1944. Ainda neste ano surgiu outra grande indústria, a Distribuidora de Tecidos Rayon de Americana – DISTRAL .

O desenvolvimento da indústria têxtil acelerou-se, transformando a cidade de Americana num importante parque industrial têxtil, passando a ser conhecida como a Princesa Tecelã – A Capital Nacional do Tecido (MENDES, 1997). A partir de então, o crescimento da indústria têxtil foi tão grande (Tabela 1, p.46), que as cidades circunvizinhas – Nova Odessa e Santa Barba D’Oeste, começaram a absorver novas indústrias têxteis, formando então o Maior Pólo Têxtil de Tecidos Planos de Fibras

²⁵ Rayon é um fio artificial.

Artificiais e Sintéticas da América Latina, responsável por 90% da produção nacional de tecidos planos, fabricados com fibras artificiais e sintéticas (GIRARDI, 1996, p.2).

“Vários fatores geográficos foram responsáveis pelo impulso da indústria têxtil americanense, entre eles, a matéria-prima (o algodão), a abundância de energia elétrica, a mão-de-obra, os meios de transporte (a ferrovia e, posteriormente, a Rodovia Anhanguera), proximidade do mercado consumidor, principalmente” (TROPMAIR, 1966, p.80).

Além disso,

“Americana era o mais importante centro têxtil do interior paulista, não só em relação ao número de estabelecimentos, mas também, em valor de produção e pessoal ocupado, por se tratar de um centro onde a automatização na produção ainda está em fase inicial” (RODRIGUES, 1978, p.4).

TABELA 1: Número de Estabelecimentos e Pessoal Ocupado na Indústria Têxtil do Pólo de Americana

Municípios	1970		1975		1980		1990		1995		2000	
	EST.	P.O	EST.	P.O	EST.	P.O	EST.	P.O	EST.	P.O	EST.	P.O
Americana	553	10.598	596	13.333	553	16.053	827	17.845	447	8.540	462	10.335
Santa Bárbara D'Oeste	95	1.527	97	2.101	101	3.862	479	6.305	248	3.395	199	3.009
Nova Odessa	42	873	36	1.232	45	2.465	126	3.760	65	3.317	38	2.736

Org: IAOCHITE, J.C. (2004)

Fonte: Censos Industriais – IBGE: 1970,1975 e 1980. SINDITEC: 1990, 1995 e 2000.

A importância do setor têxtil para o município de Americana pode ser verificada quando o comparamos a outros setores industriais (Tabela2, p.47). A indústria têxtil proporcionou em grande parte o desenvolvimento da cidade de Americana, que até hoje tem sua indústria de tecidos, estamparia, tinturaria, fiação e confecções, embora este

setor venha enfrentando inúmeras dificuldades, conforme veremos mais à frente neste trabalho.

TABELA 2: Estabelecimentos Industriais segundo os Gêneros Industriais do município de Americana no período de 1960 a 2000.

	1960	1965	1970	1975	1980	1985	1990	1995	2000	2001
Borracha	—	—	1	4	2	6	6	3	4	4
Metalúrgica	8	14	21	30	28	—	—	52	161	53
Editorial e Gráfica	4	21	6	10	16	—	23	25	42	41
Materiais Elétricos	1	—	5	4	6	—	5	3	16	20
Mecânica	5	6	22	37	38	36	58	73	21	87
Mobiliário	27	60	12	18	11	—	15	12	29	23
Produtos Alimentícios	14	25	—	31	33	—	25	14	35	39
Química	—	4	—	21	9	12	—	11	17	21
Têxtil	193	322	533	593	553	455	827	395	589	383
Materiais Plásticos	—	—	5	9	8	—	15	9	28	38
Outras Indústrias	8	4	14	19	15	—	140	138	150	340

Elaboração e Organização: IAOCHITE ,J.C. (2004)

Fonte: FIBGE: 1960,1965,1970,1975,1980,1985. Informativo sócio – econômico do Município de Americana – SP: 1990,1995,2000,2001.

Até a década de 1940, o Pólo Têxtil de Americana era formado por indústrias antigas e tradicionais de capitais locais. Entre elas, destacam-se a Biasi, em Americana; a Wiezel e a Igarape, em Santa Bárbara D'Oeste, e a Feltrin e a Fitas Progresso, em Nova Odessa (MENDES, 1997, p.100).

Nas décadas de 1940 a 1960, a vinda de indústrias de capitais externos (nacionais e estrangeiros) fez com que ocorresse uma maior industrialização no Pólo. As causas desse fenômeno são de duas naturezas: internas (as economias de aglomeração existentes no Pólo), e externas, tanto nacionais (o papel do Brasil na Divisão Internacional do Trabalho) quanto internacionais (A Segunda Guerra Mundial e a transnacionalização da economia). Foi nesse período que ocorreu a implantação, em Americana, dos grandes estabelecimentos de capitais exógenos nacionais (Gifran e Elizabete) e estrangeiros (Unitika, Toyobo e Polyenka). Ver Tabela 3.

TABELA 3: Indústrias de Capitais Locais, Nacionais. Estrangeiros e Mistos no Município de Americana, segundo Ano de Instalação e Mão-de-obra Ocupada

Indústrias	Ano de Instalação	Mão-de-obra	Origem dos capitais	Situação atual
Gifran	1940	200	São Paulo	Sem registro
Elizabete	1942	521	São Paulo	Fechada
Biasi	1946	49	Local	Em funcionamento
Basseto	1951	39	Local	Fechada
Fiobra	1954	46	Local	Fechada
Unitika	1961	565	Japão	Em funcionamento
Toyobo	1962	880	Japão	Em funcionamento
Decoratriz	1963	300	Local	Fechada
Alpacatex	1964	100	Local	Em funcionamento
Fama	1968	276	Local	Sem registro
Primor	1969	155	Local	Em funcionamento
Bazanelli	1972	45	Local	Fechada
Polyenka	1973	1088	Holanda e Brasil	Em funcionamento
Gonçalves Dias	1980	20	Local	Fechada
Diantex	1982	81	Local	Fechada
Paulibel	1985	160	Local	Fechada

Fonte: MENDES, 1997/ Atualização e adaptação: IAOCHITE, J.C., 2004
Prefeitura Municipal de Americana.

No que diz respeito aos municípios que formam o Pólo Têxtil de Americana (Americana, Santa Bárbara D'Oeste e Nova Odessa), cabe salientar que Americana exerce o controle financeiro e administrativo sobre muitas indústrias localizadas nos demais municípios que constitui o Pólo. Pode-se comprovar este fato através da indústria Bodini, que tem fábrica instalada em Nova Odessa e sede em Americana (MENDES, 1997, p.106).

É importante destacar que algumas empresas, como é o caso da Polyenka, se transferiram de outras localidades para o Pólo Têxtil, principalmente para o município de Americana. Isso serve para mostrar a relevância do Pólo Têxtil de Americana, no contexto industrial e no internacional.

Em suma, um conjunto de fatores ditos tradicionais (mão-de-obra, mercado, matéria-prima, etc.), contribuiu, histórica e geograficamente, para a formação e consolidação do Pólo Têxtil de Americana.

A soma destes fatores, mais a ação de agentes externos ao Pólo (dinâmica locacional das indústrias no estado de São Paulo, as políticas econômicas implementadas pelo Estado brasileiro e a transnacionalização da economia), permitiram que o mesmo despontasse como o maior "Pólo Têxtil de Tecidos Planos de Fibras Artificiais da América Latina".

Mas, infelizmente, o setor têxtil vem sofrendo inúmeros problemas, causados por agentes internos e externos ao local e ao país. Tratando-se de um setor muito vulnerável aos vieses do modo de produção capitalista, os reflexos sócio-econômicos (desemprego,

fechamento de fábricas, modernização, formação de *brownfields*, etc) fazem desse Pólo Têxtil um exemplo significativo do processo de Globalização, como veremos a seguir.

2.2. Da crise à formação de *brownfields*

No final do século XX, o desenvolvimento tecnológico, particularmente aquele ligado à informação, une o espaço em escala global. Para que este espaço abarque este desenvolvimento, é necessário que ele tenha uma maior fluidez, para que se torne permeável às inovações e aos comandos externos por conta do desenvolvimento da informática, o que marca o início do período técnico-científico-informacional em escala mundial.

“A necessidade de fluidez atual encontra barreiras na própria materialidade existente no território. Quando uma lógica de estruturação do território se encerra, marcando a ruptura que determina o fim de um período e início de outro, as formas espaciais anteriores não desaparecem. Ou elas se adaptam às novas funções exigidas pela lógica subsequente, ou são abandonadas e tornam-se enclaves anacrônicos na estrutura espacial” (PEREIRA, 2003, p.5)

A Globalização, vista como uma nova forma de estruturação do território, tem alterado as relações sociais e a produção do espaço nos diferentes países, trazendo conseqüências para as cidades e as regiões, atingindo a produção desses lugares.

“O espaço se reestrutura com o impacto da Globalização e os lugares (localidades) reagem de diferentes modos a esse processo, conforme suas condições sócio-econômicas, e é no local que encontramos o novo e o antigo, pois essas mudanças criam novos modos de produção e consumo” (ARAÚJO, 1997, p.71).

No caso do município de Americana, o conflito local/global é materializado no lugar, muitas vezes de forma contraditória, causando o fechamento de fábricas, a perda de empregos, instaurando a incerteza econômica.

Santos (1993, p.20) define o lugar

“como a extensão do acontecer homogêneo ou do acontecer solidário e que se caracteriza por dois gêneros de constituição: uma é a própria configuração territorial; outra é a norma, a organização, os regimes de regulação. O lugar, a região não são mais o fruto de uma solidariedade orgânica, mas de uma solidariedade regulada e organizacional.

É pelo lugar que revemos o mundo e ajustamos nossa interpretação, pois nele o recôndito, o permanente, o real triunfam, afinal, sobre o movimento, o passageiro, o imposto de fora”.

É neste contexto, a partir de como o lugar reage às forças exógenas (Globalização) e como estas podem revelar novas formas espaciais – os *brownfields*, que analisamos as alterações ocorridas no município de Americana.

Como vimos, o Pólo Têxtil de Americana se originou e se consolidou devido a fatores de localização importantes na época, como a mão-de-obra, os meios de transportes, a proximidade do mercado. Atualmente, existem novas estratégias locacionais, porque as tecnologias mudaram. Hoje a realidade é outra: a produção está direcionada cada vez mais pelos avanços tecnológicos e voltada ao mercado global e a localização passa a ser mais uma estratégia e não a variável mais importante.

Desta forma, os lugares têm de se adaptarem a estas novas estratégias, se quiserem se manter neste mercado competitivo e globalizado. Caso contrário, estão fadados à crise, ao abandono de unidades produtivas, à perda da memória urbana.

“O modo de produção capitalista, em tempos de globalização, tem determinado, num ritmo e numa velocidade sem precedentes, a produção, a circulação e o consumo de mercadorias. As rápidas e bruscas transformações, impostas por esse modo de produção, têm atingindo drasticamente o Pólo Têxtil de Americana, desestruturando-o e desequilibrando-o, num processo que se assemelha a uma ‘destruição-criadora’ (MENDES, 1997, p.19).

Essa ‘destruição-criadora’ gera como consequência, por exemplo, a formação de *brownfields*, pois, ao mesmo tempo em que propicia uma nova maneira de produzir, acaba por gerar o abandono das antigas formas.

A crise do setor têxtil, nos anos 1990, causou uma completa remodelação do quadro de estabilidade anterior, com ênfase em dois fatores principais: o sucateamento do parque têxtil (a falta de modernização de sistemas de produção e gerenciamento) e a abertura de mercado aos tecidos estrangeiros, principalmente os asiáticos.

O sucateamento do parque têxtil deve-se ao fato do empresariado americanense, por sua formação histórica, ter tido muitas dificuldades para se modernizar. Já nas décadas de 1920 e 1930, podia-se perceber a falta de investimentos em relação às máquinas industriais, que foram se tornando obsoletas (DEAN, 1971).

No contexto mundial, a indústria têxtil foi uma das que mais sofreram o esgotamento do padrão tecnológico. A ausência de investimentos em pesquisas para o setor gerou a queda de um padrão tecnológico que se tornou incompatível com o mercado cada vez mais competitivo. Era necessária, então, uma reestruturação do modo de produção.

No caso do município de Americana, o processo de reestruturação tecnológica é delicado, pois a maior parte das indústrias é de pequeno e médio porte, não possuindo capital para investir em modernização. Muitas, então, acabam encerrando suas atividades e abandonando a área de produção.

Na indústria têxtil, o processo de difusão de tecnologia tem predominado por meio da subcontratação ou terceirização, que no setor têxtil americanense já existia no sistema façonista. Araújo (1997, p.35) assim esclarece:

“A produção em forma de façon, pode ser considerada um tipo de ‘terceirização’ (porque o produto não é produzido na própria indústria), pois a tecelagem pode comprar o fio, tecer e depois mandar para uma estamparia, que por sua vez devolverá o produto pronto para a venda”.

Esta subcontratação, que permite “fazer a produção por partes”, acaba acarretando a redução das unidades produtivas, já que estas não mais necessitam de grandes áreas, pois cada etapa da produção é feita em diferentes locais. Algumas indústrias, principalmente as mais antigas, acabam abandonando uma grande área produtiva, transferindo-se para uma área menor, já que somente abarcam uma das etapas da produção. Isto reduz custos de energia e de mão-de-obra.

Lencione (1991, p.12) coloca que a reestruturação produtiva

“Manifestou-se na mobilidade da produção para o mercado externo e na necessidade da inovação técnica, como também no aumento da importância da indústria têxtil no município do interior paulista”.

Nesse contexto, verifica-se a necessidade da indústria têxtil modernizar-se para competir no mercado globalizado, onde o global e o local se complementam e se transformam através de novas relações de produção.

Carlos (1994), ao se referir às mudanças no espaço urbano, afirma serem as mesmas dadas pelo desenvolvimento das forças produtivas, e mais, que essas mudanças são rápidas e profundas e que geram novas configurações espaciais, novo ritmo de vida, novos valores.

A cidade, nesse processo, passa a ser vista como objeto da reprodução, onde existem problemas carentes de solução, caminhando para a transformação de sua própria identidade. É sob esta perspectiva que a Globalização traz transformações no nível industrial. Isto pode ser observado no município de Americana, que mostra alguns resultados desse processo.

A abertura comercial ocorrida nos anos 1990 e, conseqüentemente, a entrada de tecidos importados, desencadeou a falência de inúmeras indústrias têxteis no município de Americana, acarretando o abandono da área produtiva e a formação de *brownfields*.

Em 1992, conforme Girardi (1996, p.2), o Pólo atravessou uma crise sem precedentes, com capacidade instalada ociosa superior a 60%. Essa crise foi motivada pela abertura da economia nacional para o mercado mundial.

Para Girardi (1996, p.2), a causa das dificuldades enfrentadas pelas empresas do setor têxtil do Pólo foi o declínio da demanda de tecidos de fibras artificiais e sintéticas, em decorrência da aceleração das importações desses produtos dos países asiáticos, especialmente da Coreia e Taiwan. Na verdade, o tecido importado de fibras artificiais e sintéticas está substituindo a produção nacional, afetando o Pólo que, por ser

especializado nesse segmento industrial, enfrenta sérios problemas, reduzindo o número de estabelecimentos e de mão-de-obra, conforme mostra a Tabela 4.

Lenhari (1996, p.96) também fez uma análise do período de crise do setor têxtil americanense e assim a descreve :

“com a abertura comercial no Governo Collor, em 1990, o Pólo Têxtil de Americana passa pela maior crise de sua história, notadamente com a demissão de mais de 30 mil pessoas, com o fechamento de inúmeras empresas, redução da produção com relação à capacidade instalada e uma queda de 50% nas vendas em função da concorrência com os produtos importados (que é desleal, segundo os sindicatos do setor, devido às práticas de dumping), à falta de investimentos e de uma política industrial articulada e bem definida para o setor”.

TABELA 4: Redução do número de Indústrias Têxteis e de mão-de-obra ocupada no Pólo Têxtil de Americana no período da crise – 1991 a 1996

Anos	1991		1992		1993		1994		1995		1996	
	Est.	P.O	Est.	P.O	Est.	P.O	Est.	P.O	Est.	P.O	Est.	P.O
Americana	764	15.532	673	13.340	680	10.597	475	9.286	447	8.540	395	8.148
Santa Bárbara d’ Oeste	443	5.461	395	4.241	383	4.768	264	5.058	248	3.395	195	2.295
Nova Odessa	120	3.384	111	3.445	106	3.390	70	3.567	65	3.317	18	2.183

Elaboração: IAOCHITE, J. C. (2004)

Fonte: SINDITEC

Os dados representados na Tabela nos fornecem um panorama da crise no Pólo Têxtil, principalmente nos anos de 1994 a 1996, quando a redução do número de indústrias chegou a quase 40% e do pessoal ocupado chega a 30% em Americana. Essa redução se deveu à entrada maciça de tecidos asiáticos, o que vem causando, até os dias

de hoje, o desequilíbrio e a desestruturação dos municípios que compõe este Pólo industrial.

A abertura comercial fez com que inúmeras indústrias têxteis no município de Americana abrissem falência. Em 1992 foram requeridos 89 pedidos (MORELLI, 2002), reduzindo a mão-de-obra, antes voltada para este setor. Segundo a reportagem do Jornal O Estado de São Paulo, de 07 de agosto de 1995, no Caderno B6 de Economia:

“O Pólo Têxtil de Americana não existe mais. A cidade, que já foi o maior centro produtor de tecidos planos do país, está resumida hoje a uma legião de desempregados, vítimas da crise no setor, que não consegue competir com as importações. Das 800 tecelagens que funcionavam até o ano passado (1994), 400 fecharam as portas e mais de 2000 trabalhadores perderam o emprego. A Prefeitura deixou de arrecadar R\$1 milhão por mês em ICMS”.

A concorrência asiática é vista como desleal, por seu custo de produção ser incomparavelmente menor, por empregar operários com baixíssimos salários, sem benefícios trabalhistas, e contar ainda com incentivos de seu governo, além da tecnologia de ponta empregada no processo produtivo.

Cabe ressaltar que, quando tratamos do fechamento de inúmeras indústrias têxteis em Americana, não podemos constatar que está havendo uma desindustrialização, pois não nos referimos a um desaparecimento total das indústrias têxteis da economia local, mas a uma alteração no perfil das indústrias, sendo que somente as mais adaptáveis e consolidadas conseguem se sustentar neste período de competitividade acirrada e permanecem, como é o caso da indústria Polyenka, Toyobo e Unitika, todas de capital internacional e com tecnologia de ponta.

Santos (1996, p.177) assim analisa a competitividade:

“O que conduz a esse envelhecimento rápido do patrimônio técnico que nos cerca é a doutrina e a prática da competitividade. Esta induz a um uso acelerado, e rapidamente substituído, de novos – novos - novos objetos, de novas - novas - novas formas de organização. Esse resultado imperativo da competitividade faz com que equipamentos e lugares se tornem rapidamente envelhecidos e sejam declarados incapazes ou insuficientes para fornecer novos esforços úteis. Um mundo que resista à atual noção de competitividade permitiria, certamente, um outro tipo de relações entre as empresas, entre as pessoas, entre os lugares. Não vem da técnica essa necessidade frenética de competitividade, mas da política. Não é a técnica que exige aos países, às empresas, aos lugares serem competitivos, mas a política produzida pelos atores globais, isto é, empresas globais, bancos globais, instituições globais”.

A alteração a que nos referimos, a qual é objeto desta pesquisa, está relacionada com a significativa ocorrência de áreas abandonadas, antes ocupadas por indústrias têxteis, que faz com que haja uma perda da imagem da cidade, como a da “Princesa Tecelã”, podendo correr o risco de alguns locais serem denominados de “bairros mortos” ou “lugares esquecidos”²⁶. Um caminho que tem sido trilhado é a mudança de uso dos antigos prédios industriais abandonados, como veremos no Capítulo 3.

Como vimos, os fatores exógenos – a abertura comercial, por exemplo, provocaram uma reorganização espacial e produtiva das indústrias têxteis. Mas, alguns fatores endógenos também fizeram com que algumas indústrias abandonassem a área produtiva, transferindo-se para outros bairros ou até mesmo para os municípios vizinhos.

Sanchez (2001, pp.28-29) afirma que as transferências de indústrias têm ocorrido por diversas razões, dentre as quais destacam-se:

²⁶ Termos utilizados por um dos entrevistados em nossa pesquisa direta.

- *“como suas atividades são incompatíveis com os usos do solo no entorno, a indústria demasiado incômoda para a vizinhança ou novas regras em matéria de meio ambiente impõem custos adicionais;*
- *porque as taxas ou impostos locais podem se tornar desestimulantes e mais atrativos em outras localidades;*
- *certas políticas de uso do solo urbano estimulam a desindustrialização de determinados bairros, visando a transformar seu uso, ou ainda estimulam a instalação de indústrias em novos distritos industriais;*
- *porque há concorrência entre cidades, regiões e até países para atrair novos investimentos industriais, doação de terrenos, isenções fiscais e diversos subsídios indiretos estimulam a transferência de indústrias ou abertura de novas fábricas de uma empresa já instalada em outro local, o que muitas vezes acaba acarretando a redução dos investimentos em modernização das velhas unidades de produção, até seu fechamento”*

No caso de Americana, dois dos fatores citados por Sanchez fizeram com que algumas unidades produtivas se transferissem de local, deixando como resíduo a estrutura abandonada.

O primeiro está relacionado com os problemas que estas indústrias enfrentavam com a vizinhança, devido ao ruído e também à falta de espaço para expansão da indústria.

No bairro Nova Americana, um dos mais antigos de Americana, muitas indústrias, como a Têxtil Santa Lúcia, fechada em 10/09/1997, saíram deste local e foram para outros bairros ou para o Distrito Industrial, pois a vizinhança reclamava do barulho que incomodava.

Isto também acontece em um outro bairro tradicional – o Conserva, cujas indústrias aí instaladas estão tendo problemas com a população vizinha. Um exemplo é a Indústria de tecidos Jacyra, que se transferiu em 2002, para a Rodovia Luiz de Queiroz, Km 125, onde, além de não ter problemas com a vizinhança, também pôde expandir suas instalações. Mas, ao sair da antiga área, a indústria deixou um enorme espaço abandonado, uma área central rica em infra-estrutura. (Figura 7).



Figura 7: Tecelagem Jacyra – Exemplo de fechamento de indústria devido à transferência para outros locais.

Fonte: IAOCHITE, J.C.

O segundo diz respeito às oportunidades dadas por municípios vizinhos, como incentivos fiscais e a presença de um Distrito Industrial, o que, segundo os proprietários das indústrias, não tinha em Americana. A falta de apoio do Poder Público local também

foi apontada como uma das causas da transferência ou fechamento das indústrias têxteis, principalmente das pequenas e médias.

A existência do Distrito Industrial em Santa Bárbara D'Oeste e de espaços disponíveis para a expansão e a abertura de novas indústrias funcionaram como fatores de atração para as empresas interessadas em migrar de Americana. Um exemplo de transferência de indústria, que abandona o antigo espaço de produção e vai para outro local em busca de vantagens, é o da Kaminski & Cia Ltda, que se localizava num bairro de indústrias têxteis tradicionais de Americana, a Vila Cordenonsi, e se transferiu para a cidade vizinha de Santa Bárbara D'Oeste. Segundo o proprietário, *“lá teríamos mais vantagens fiscais e a possibilidade de expansão”*. Outros exemplos podem ser citados, como o da Indústria Fitas Progresso e a Indústria Feltrin, que saíram de Americana e foram para Nova Odessa. A transferência se deu pelos seguintes motivos: falta de espaço para ampliação, facilidade de aquisição de terrenos e isenções de impostos.

Assim, como se pode ver, o setor têxtil de Americana foi influenciado por fatores externos e internos, gerando o abandono de áreas produtivas. Nessa dinâmica, as grandes indústrias, principalmente as de capital estrangeiro, conseguiram sobreviver. Mas estas não criaram raízes e nem identidade com o município de Americana, como as pequenas e médias, geralmente de capital nacional e até local, sendo indústrias que pertencem, muitas vezes, às famílias tradicionais, cujos donos trabalharam na Carioba no sistema façoniista, e tinham a esperança de crescer e fazer fortuna. Estes antigos proprietários lembram dos bons tempos com saudade, principalmente da Fábrica Carioba, abandonada, provocando uma amnésia na memória urbana da população, que tanto se orgulhava desta fábrica.

O que acaba por alterar-se mais significativamente é a fisionomia da cidade. Se por um lado é difícil estimar a provável perda nos investimentos destinados a

equipamentos públicos e melhorias urbanas, preço que a Prefeitura arca pela diminuição na arrecadação, por outro lado, a alteração na paisagem é sentida pela transformação dos salões industriais, imperantes na trama da cidade, que ora se abandonam à degeneração (*brownfields*), ora se recuperam pela mudança de usos, como veremos a seguir.

Capítulo 3: A Revalorização de *brownfields*: espaço de consumo ou consumo do espaço?

Como vimos no Capítulo anterior, os *brownfields* no município de Americana foram formados tanto por fatores internos como externos. Os *brownfields* trazem alguns prejuízos para o espaço urbano:

- *contribuem para desvalorizar o entorno;*
- *deterioram a imagem de uma cidade perante a opinião pública e os investidores;*
- *favorecem o depósito clandestino de resíduos;*
- *podem ser objeto de ocupação clandestina, desvalorizando ainda mais o entorno;*
- *podem representar riscos à saúde pública e aos ecossistemas” (SANCHEZ, 2001, p.30).*

Porém, se estas áreas forem revalorizadas, os benefícios advindos podem resultar na:

- criação de empregos e aumento na base de impostos;
- aproveitamento da capacidade de ação da população;
- melhor qualidade de vida;
- criação de comunidades sustentáveis, atentas ao meio ambiente;
- revitalização física da área atraindo pessoas;
- redução do potencial de riscos ao meio ambiente;
- exemplo de um eficiente uso da infra-estrutura existente.

Segundo Russ (2000, p.15),

“o redesenvolvimento de brownfields é urgente e também uma oportunidade para uma nova visão dos lugares,

reduzindo os impactos ambientais e a expansão urbana para áreas de subúrbio”.

Neste Capítulo, procuramos analisar alguns conceitos que estão sendo aplicados aos processos de recuperação de espaços abandonados, principalmente os centrais. Dentre estes conceitos, destacam-se: refuncionalização, reabilitação, revitalização, revalorização. Existe um outro conceito - redensolvimento, utilizado especificamente para os *brownfields*, que é utilizado na bibliografia norte-americana.

3.1. Refuncionalizar, reabilitar, revitalizar, redensolver *brownfields*: o que significam estas ações?

É necessário conceituar alguns termos que podem ser aplicados quando tratamos de recuperação de prédios abandonados, sejam eles industriais, comerciais ou até mesmo culturais (históricos). Estes termos, embora muitas vezes sejam utilizados como sinônimos, apresentam diferenças que devem ser consideradas para melhor empregá-los.

A) Refuncionalização

O termo refuncionalização, segundo Evaso (1999, pp.34-35), implica na alteração da função de um determinado elemento atribuindo-lhe um novo valor de uso. Nas palavras do Autor:

“Tais acomodações requerem, às vezes, adequações por parte do espaço construído: demolições (supressões), reformas (superposições) e acréscimos (acumulações). No entanto, a cada contexto também corresponde um conjunto de critérios, que

determinam o que demolir, reformar ou acrescentar... As alterações a serem feitas nesse sistema de valores reordenam o conteúdo, atribuindo a cada elemento uma nova posição hierárquica, que é, essencialmente, de cunho funcional”.

O *brownfield* é resultado desta perda de função que ocorre por vários motivos, embora a forma continua, muitas vezes, necessitando de remodelações, para que uma nova função seja dada a este espaço, deixando então de ser *brownfield*.

No município de Americana, temos um exemplo de refuncionalização de *brownfield*. A antiga fábrica de tecidos Gilberto Muller, instalada desde 1986, fechou em 23/04/1999, deixando a área abandonada. Em 2001, uma nova função foi dada a este espaço. Hoje funciona no local uma Academia de Ginástica, cujo prédio ainda apresenta resquícios da antiga forma (Ver Figura 8, p.67).

Conforme Evaso (1999, p.45):

“... as refuncionalizações são necessárias a partir do momento em que se caminha rumo à decadência e/ou fadiga do conjunto técnico, conseqüentemente, da divisão do trabalho em voga. Revigora-se, portanto, todo um conjunto por meio da refuncionalização e da substituição de suas parcelas mais críticas, nas quais os modelos de produção e de reprodução saturaram-se e perdem competitividade”.



Figura 8: Exemplo de refuncionalização de Brownfield. Antiga Tecelagem Gilberto Muller, hoje com uma nova função.

Fonte: IAOCHITE, J.C. 2004

B) Reabilitação

O termo reabilitação é emprestado da área de saúde e diz respeito aos aspectos urbanos, segundo o *Dictionnaire de l'urbanisme et de l'aménagement* (MERLIN et CHOAY, 1985). A reabilitação consiste no:

“Processo que visa consertar um patrimônio arquitetônico e urbano longamente desconsiderado... É o conjunto de obras com vista a transformar um local, um edifício ou um bairro devolvendo-lhes suas características próprias, em condições satisfatórias de conforto... assegurando de maneira durável o restabelecimento da estrutura e conservando suas características arquitetônicas”.

Este termo é muito utilizado na Europa, onde antigos bairros industriais foram abandonados, e o Poder Público local, juntamente com a iniciativa privada, elabora um

plano de reabilitação para estes locais, a fim de torná-los habitáveis novamente, mantendo as características anteriores.

C) Revitalização

A revitalização implica em dar nova vida para um elemento. Diz respeito ao:

“Processo que conjuga a reabilitação arquitetural e urbana dos centros históricos e a revalorização das atividades urbanas que acontecem lá. A revitalização urbana engloba operações destinadas a relançar a vida econômica e social de uma parte da cidade em decadência. Esta noção, próxima daquela de reabilitação urbana, aplica-se a todas as zonas da cidade sem ou com identidade e características marcadas” (Charte de Lisbonne, 1995 apud SIRCHAL in: glossário, 2003).

O termo revitalização está muito ligado às intervenções feitas em centros históricos, que buscam preservar a identidade do local, dando vida às atividades sócio-econômicas ali desenvolvidas, atraindo a população.

Segundo Simões (1994, p.85),

“a revitalização urbana busca uma nova vitalidade econômica, social, funcional e ambiental, apontando saídas para a crise global (econômica, social, energética e de valores). Busca-se revaloriza-lo, fazendo-o local de atração aos capitais empresariais, reafirmando sua função de articulador dos processos econômicos”.

No processo de revitalização, o Poder Público e a iniciativa privada aliam-se e tendem a utilizar-se da mesma lógica: investir em melhorias nestes lugares centrais para atrair investimentos e, assim, continuar a reprodução do capital.

D) Redesenvolvimento

Este termo é mais utilizado pelos norte-americanos, não sendo bem adaptado à Língua Portuguesa, e está relacionado ao redesenvolvimento de *brownfields*. Redesenhar significa desenvolver novamente o local que foi abandonado, isto é, este espaço já teve um desenvolvimento econômico anterior, e agora necessita de ações de melhoramento, através da renovação de edifícios, aproveitando melhor a infra-estrutura existente.

E) Requalificação

O termo requalificação, segundo Frúgoli Jr (2000), é uma noção que implica incorporar um dinamismo econômico e social já existente no local, considerando estas qualidades no novo uso a ser proposto.

A requalificação se mostra como um instrumento de fundamental importância para a recuperação da qualidade ambiental das áreas, com o objetivo de gerar uma imagem positiva e de boa qualidade, motivando a atração de investimentos.

Ortigoza (2001, p.83), ao fazer um estudo sobre o centro da metrópole de São Paulo, contribui com o entendimento do projeto de requalificação:

“ Nos projetos de requalificação, no que tange aos bens tombados, percebe-se que, para não funcionarem como resíduo ou resistência ao mundial, operam-se mudanças em seu uso e a partir daí é que se introduz o mundial. No processo de valorização do patrimônio

arquitetônico, devemos avaliar a dinâmica da apropriação e uso do espaço. No centro temos alguns exemplos claros de mudança de uso, e entre eles a Estação Júlio Prestes, que estava desativada como estação ferroviária e transformou-se em um complexo cultural..., que vem funcionando como um símbolo indutor de qualidade urbana numa região ainda bastante deteriorada do centro”.

Seja qual for o termo utilizado, cabe salientar que em todos está impressa a idéia de um processo de intervenção no espaço urbano, que propõe a sua recuperação, como uma forma de substituir as estruturas antigas, dando-lhes novos usos, mais adaptáveis às exigências da cidade moderna.

3.2. Apropriação e Revalorização do espaço urbano: o papel dos *brownfields* neste contexto

O termo Revalorização é o que mais nos interessa no que diz respeito à recuperação de *brownfields*. Revalorizar significa dar valor a algo desvalorizado. Muitos estudos já evidenciam esta tendência apresentada pelos urbanistas como solução imediata para a “degradação”²⁷ dos lugares centrais, sobretudo quando possuem um valor histórico a ser revalorizado.

“O processo de mercantilização do espaço parece se aplicar de igual modo em todos os lugares, ora travestido de uma maneira ora de outra, mas sempre encoberto pela ideologia, disfarça o caráter mercantilista em inúmeras facetas que privilegiam a estética, a cultura ou a memória do lugar” (VIEIRA, 2002, p.255)

No cenário atual, em que as cidades estão competindo diretamente, independentes dos países, e buscam por todos os meios aumentar o seu poder de atração, os

²⁷ O termo degradação é aqui empregado no seu sentido mais amplo, enfocando a degradação da paisagem, não só em termos ambientais, mas também visual e social.

governantes locais anseiam por “vender a cidade”. Como vimos no Capítulo anterior, as cidades que compõem o Pólo Têxtil tentam, de todas as maneiras, atrair empresas das cidades vizinhas, oferecendo vantagens para a transferência.

Os governos locais buscam melhorar a estética da cidade para poder vendê-la. Nesse caso, a presença de *brownfields* acaba sendo um fator de repulsão para novos investimentos, pois as áreas produtivas abandonadas representam um fracasso econômico.

A preocupação demasiada em transformar o espaço urbano em espetáculo, mercadoria, acaba por gerar uma ruptura com a história e a cultura local. É importante revalorizar os espaços, principalmente os que fazem parte da história presente na memória urbana da população, mas não com o objetivo de mercantilizar a cidade, e sim visando resgatar a vivência do espaço pela população.

Os exemplos de revalorização que visam a espetacularização da cidade, transformando-a num *shopping center*, são vários. Podemos citar o exemplo de Recife, cuja intervenção se direcionou para transformar a imagem da cidade como um *shopping center* a céu aberto. Costa (1999) aponta que o projeto de revitalização de Recife incluiu em seu ideário a criação das chamadas “ruas *shoppings*”. Estas ruas receberam um tratamento semelhante àquele conferido aos *shoppings centers*, com a criação de área de estacionamento, vigilância específica, isolamento de área e praça de alimentação.

O que vemos nesse processo de revalorização é a lógica de transformação do espaço urbano em uma mercadoria, onde o “parecer” se sobressai como elemento importante da “espetacularização”.

A imagem, tanto na questão dos *brownfields* quanto no processo de revalorização, é exaltada. A recuperação do olhar exige a observação, a descrição do objeto visto sob as mais variadas perspectivas, a fim de, juntamente com o conhecimento socialmente produzido, conseguir relacioná-las, desvendando o que se esconde na aparência da cidade, na sua paisagem, que “*na sua dimensão visível, contém a história do lugar*”(CARLOS, 1996,p.23).

É esta história que se perde quando lugares são abandonados e se transformam em *brownfields*. A imagem, antes de progresso da indústria e do município, transforma-se em imagem de decadência. Os *brownfields* aparecem na paisagem urbana como espaços de abandono, de medo, de usos marginais, mas também como espaços de usos possíveis. Muitos prédios nesta situação acabam sendo ocupados por “sem-tetos” e/ou abrigando drogaditos e prostitutas. Daí a necessidade de revalorizar estes espaços, tornando-os próximos da população, fazendo com que esta vivencie estes lugares se apropriando deles, possibilitando um novo uso, que não tenha como objetivo apenas a reprodução do capital.

No caso da revalorização de *brownfields*, o que se pretende não é transformar estes espaços em espetáculo, dando à cidade uma imagem de *shopping center* a céu aberto. O que se busca é dar um novo uso a estes espaços, visando torná-los dinâmicos, propiciando a geração de emprego e a arrecadação de tributos. Mas o que é uso?

Alves (1999, p.8) assim esclarece:

“no caso do espaço, ele tem um valor de uso, ou seja, adquire uma qualidade justamente pelo seu uso, que corresponde à necessidade, à expectativa e à desejabilidade”

O uso é mais sentido quando vivenciado, que muitas vezes provoca o conflito entre posições antagônicas. O conflito

“traduz-se numa luta pelo uso, pela apropriação, que absolutamente não é nem poderia ser entendida como marginal, à parte do todo, fora da sociedade e do social... o uso se insurge e ganha visibilidade, restabelece à dialética da propriedade em outros termos, em outros planos. É um processo que pressupõe atos práticos” (SEABRA, 1996,p.76).

O novo uso proposto para os *brownfields* deve levar em consideração o conflito existente entre os agentes sociais (Poder Público, Iniciativa Privada e População), para que não ocorra uma dominação deste espaço por parte de apenas um agente, mas sim que este local seja resultado da reprodução social, possibilitando vivenciar o espaço, resgatando a memória urbana que ele carrega.

“Quando nos apropriamos de um espaço, não como propriedade privada, mas como lugar onde se realiza o uso, reconhecemos a importância social daquele local, não só o eu individual, mas o todo, o coletivo, e enquanto espaço socialmente reconhecido como o ‘lugar de todos’. A apropriação do espaço social, dessa forma, o individualiza por seu uso, ao mesmo tempo de todos e único, um lugar muito próprio, diferente de outros, de modo quase individual. Ele passa a ser desse modo ímpar, mas não propriedade particular, privada, continuando a ter como característica seu uso, ao mesmo tempo de todos e exclusivo” (ALVES, 1999, p.7).

É este sentido, o da apropriação, que precisa ser considerado no processo de revalorização, para que a cidade seja reconhecida como espaço da cidadania, o lugar de reprodução das relações sociais ligadas à reprodução da vida, que contemple o uso não apenas do lugar de trabalho mas também o do não trabalho, o da família e o do lazer.

Os *brownfields*, neste contexto, se tornam um espaço de disputa e estratégias que os diferentes agentes envolvidos (Poder Público, iniciativa privada e população) desenvolvem a fim de dominá-lo ou apropriá-lo.

No processo de revalorização, muitas vezes, as novas estruturas propostas procuram a promoção de uma melhor funcionalidade produtiva das cidades, segundo uma lógica racionalista, que sugere um melhor aproveitamento do espaço. O que ocorre é a valorização de determinadas áreas, pelo trabalho socialmente realizado. Esse processo acaba por expulsar residentes/habitantes que não têm condições de pagar por essa valorização, num processo denominado de “gentrificação” (SANCHEZ, 2003, p.61)

“Gentrificação dos espaços é um processo de reapropriação dos mesmos pelo mercado através de operações urbanas que lhes conferem novo valor econômico e simbólico, geralmente orientados para o consumo – residencial ou de serviços - das camadas médias. Apresentados, para fins mercadológicos, como espaços ‘revitalizados’, são, porém, espaços onde a população original vivencia a ‘revitalização’ como processo que gera expulsão e apartação social”.

Na verdade, estes espaços ‘revitalizados’ tornam-se acessíveis só a quem pode pagar. É a prática sócio-espacial existente, que acaba por diferenciar as pessoas e os lugares, impedindo, inibindo ou facilitando o uso do espaço. Nesta dinâmica, muitas pessoas são expulsas para lugares distantes e pouco valorizados.

O processo de gentrificação é uma resposta negativa à revalorização urbana, ao promover uma segregação sócio-espacial.

A gentrificação é um fenômeno físico (revitalização das antigas estruturas e melhora estética), econômico (investidores, empreiteiras, especuladores e classes mais abastadas re-introduzem capital no bairro), social (há uma ‘luta’ de classes na disputa pelo lugar: os que lutam pelo direito, pelas raízes e os que lutam através do poder aquisitivo), e também cultural (ao fim do processo, o bairro é transformado substancialmente, conforme os aspectos culturais de seus novos moradores) (VASQUES, 2003).

O processo de gentrificação tem impacto positivo só do ponto de vista estético e econômico, já que promove uma melhoria na infra-estrutura e uma introdução de capital no bairro através dos investimentos. Mas, do ponto de vista social é negativo, pois exclui a população que antes residia ali.

Exemplos de processos de gentrificação são encontrados com mais frequência nos países europeus, que, por possuírem bairros muito antigos, alguns fabris, que estavam abandonados, promovem uma melhoria estética do bairro, atraindo investidores e a população de alta renda, expulsando os antigos moradores, que não têm condições de pagar por estas melhorias, para áreas mais periféricas. No caso do Brasil, mais especificamente na metrópole paulista, podemos citar como exemplo o que foi feito na Avenida Luiz Carlos Berrini. Segundo Frúgoli Jr (2000, p.185), na Berrini houve uma *“urbanização de apartação e segregação com conseqüências sérias para a metrópole”*. A população local foi removida para outros lugares, com pouca ou quase sem infra-estrutura. Ainda segundo o Autor, investiram-se R\$387 milhões somente em vias de acesso (Túnel Jânio Quadros e Túnel Tribunal da Justiça do Estado e o Complexo Ayrton Sena).

“Esta intervenção acarretou um forte impacto não só em termos locais – com a destruição de diversas edificações - , como também metropolitanos, além do embate que provocou entre o poder público – em aliança com poderosos grupos econômicos envolvidos

na empreitada – e comunidades locais atingidas pelo processo”
(FRÚGOLI JR, 2000, p.204).

A operação urbana pode ser considerada um instrumento para a revalorização de *brownfields*, desde que estejam envolvidos o Poder público, a sociedade civil e a iniciativa privada. Ao Poder Público cabe elaborar um projeto que contemple não só a articulação das funções, mas a modelagem urbana que se deseja, e estabelecer as regras. À iniciativa privada compete o investimento e à sociedade civil o controle (BARRETO, 2001).

O processo de revalorização de *brownfields* não deve ter como objetivo transformar o local num ‘espaço de consumo’, que nos leva a pensar em um lugar que se torna altamente especializado, destinado ao consumo específico por uma camada específica da população; logo espaço que segrega. Como foi dito, a transformação do espaço em mercadoria, espetáculo tem ocorrido em muitas cidades brasileiras, como no processo de revalorização do centro em Recife.

Uma outra possibilidade de análise se dá pela abordagem do consumo do espaço.

“O consumo do espaço pode ter outro sentido, apelando para a dimensão do lugar enquanto reprodução da vida e não apenas como reprodução do capital. O consumo do espaço pressupõe seu uso, o viver a vida cotidiana, presente em suas relações sociais, sem que necessariamente, a relação de troca, ligada às mercadorias, nas quais o próprio lugar pode-se transformar”
(ALVES, 1999, p.13).

Com base no que foi exposto, podemos afirmar que a revalorização dos espaços tem seu lado positivo, quando possibilita a vivência do espaço por todos, e seu lado negativo, quando impõe uma segregação sócio-espacial.

No caso dos *brownfields* em Americana , há uma necessidade de revalorizá-los a fim de que se tornem espaços dinâmicos, que gerem emprego e arrecadação de impostos, no caso das antigas indústrias abandonadas. Já no caso da Fábrica de Tecidos Carioba, além de proporcionar o retorno da dinâmica, a revalorização deve promover o resgate da memória urbana.

3.3. Exemplos de Revalorização de *brownfields* no Município de Americana: a refuncionalização das formas.

Conforme já pudemos ressaltar, a revalorização dos *brownfields* traz muitos benefícios para as áreas urbanas, principalmente no que diz respeito à criação de novos empregos e ao incremento da base tributária local. A prática da revalorização se transforma numa mola propulsora para as economias locais e daí a necessidade de revalorizar estes espaços abandonados.

No município de Americana, algumas indústrias têxteis que foram abandonadas, tornando-se *brownfields*, já foram revalorizadas, tendo novos usos.

Podemos citar, como exemplos de revalorização de *brownfields*, dois antigos prédios anteriormente ocupados por indústrias têxteis, localizados em bairros centrais, que passaram por melhorias e que, atualmente, têm novos usos.

A existência de *brownfields* em bairros centrais e sua posterior revalorização a curto prazo, segundo Grostein & Meyer apud Morelli (2002, pp.18-21) “*deve-se pelo fato destes bairros apresentarem ao mesmo tempo um estoque edificado obsoleto e uma grande potencialidade para receber novas edificações e reciclar as existentes*”.

1) Antiga Tecelagem Nacim Elias

A antiga indústria Nacim Elias, instalada na Rua Fagundes Varella, local privilegiado em infra-estrutura, próximo ao centro da cidade, fundada em 1942, auge do setor têxtil em Americana, foi fechada em agosto de 2001. O fechamento, segundo os proprietários, deveu-se à crise pela qual o setor passava, iniciada nos anos 1990. A indústria, de capital local, não estava conseguindo competir com os tecidos importados, além de não ter capital para investir em tecnologia e modernizar sua estrutura produtiva. A Tecelagem empregava 130 funcionários e ocupava uma área de 5.000 m². (Ver Figura 9).

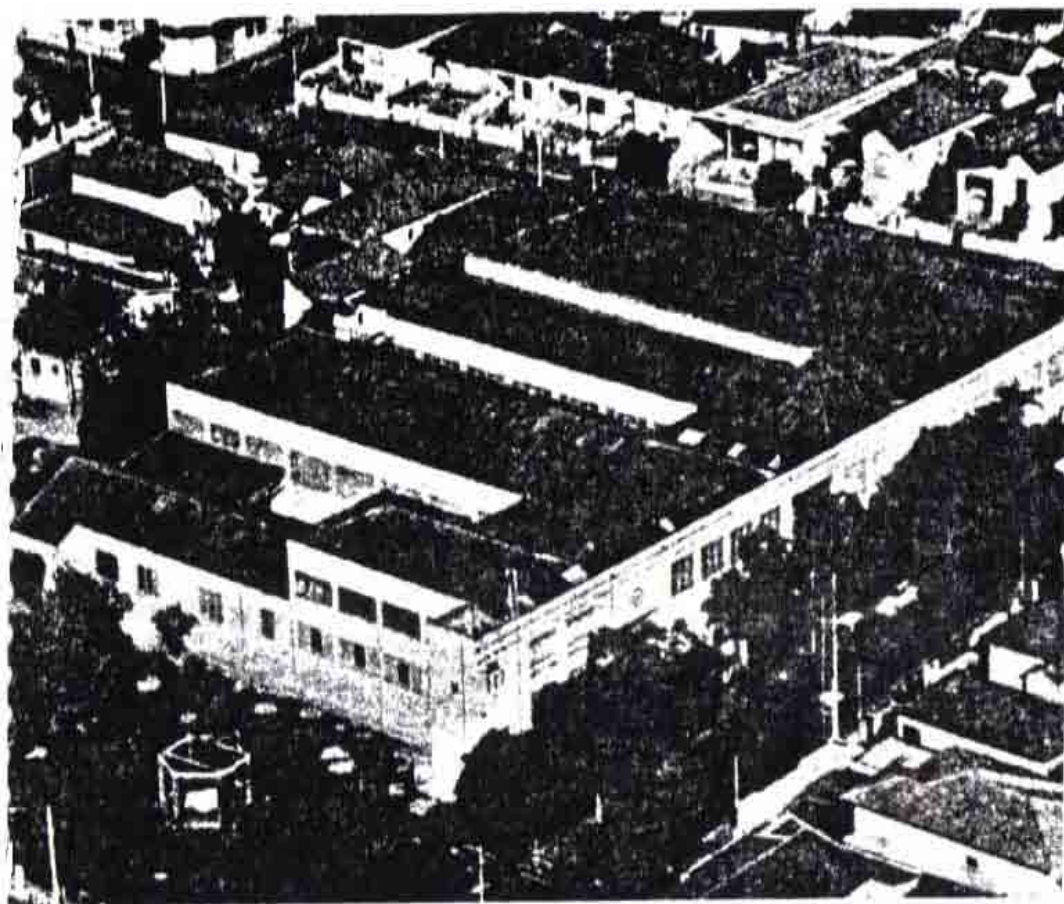


Figura 9: Antiga Tecelagem Nacim Elias – 1970
Fonte: BIANCO, J. , 1975.

No ano de 2002, a indústria passou por um processo de revalorização, que incluiu melhorias estéticas no prédio, conservando alguns aspectos, como a antiga guarita, conforme mostra a Figura 10. Atualmente funciona neste local a Igreja Evangélica Batista do Caminho.

A revalorização deste *brownfield* trouxe, além das melhorias estéticas do prédio, a valorização do entorno e um aumento na arrecadação de impostos.



Figura 10: Igreja Evangélica Batista do Caminho, após processo de revalorização em 2002.

Fonte: IAOCHITE, J.C (2004)

2) Polifio Indústria Têxtil Ltda

A Indústria Polifio estava instalada na Rua Dom Pedro II, no Bairro Nova Americana, um bairro antigo e próximo ao centro, que possuía 35 indústrias têxteis aí localizadas, segundo o Cadastro de Atividades da Prefeitura Municipal de Americana. Atualmente funcionam ali apenas 12 indústrias têxteis. O restante dos prédios está abandonado ou foram demolidos. Poucos deles passaram pelo processo de revalorização, como é o caso da indústria Polifio.

A Polifio foi fundada em 1985, ocupando uma área de 1152 m². Em 30/09/1996, a indústria mudou-se para outro bairro, onde as instalações eram melhores e não havia problemas com a vizinhança, que reclamava do barulho e do mau cheiro. O prédio ficou abandonado e depois passou por um processo de revalorização. Atualmente, neste local funciona um hotel – o “Hotel Cidade”, que aproveitou as estruturas existentes, conservando alguns aspectos da antiga indústria (Ver Figura 11).

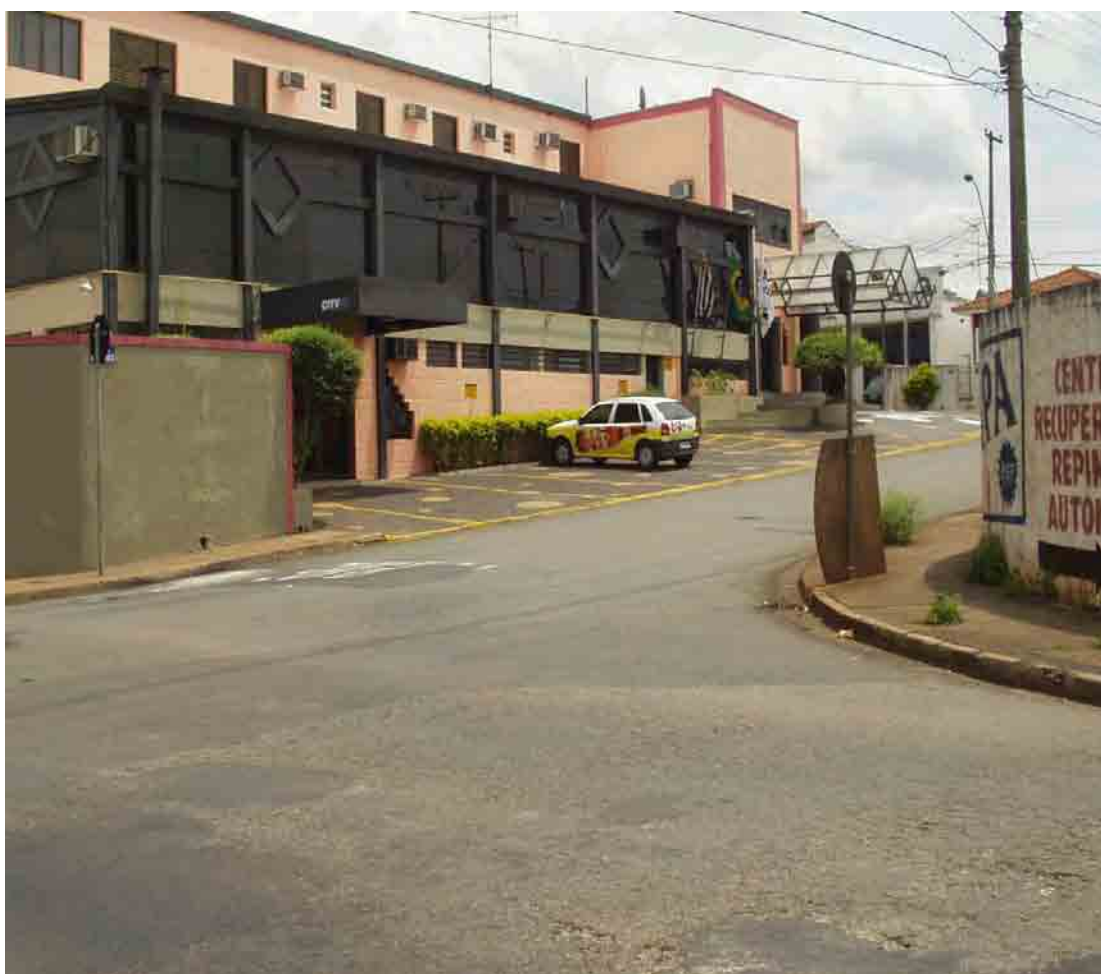


Figura 11: Antiga Polifio, fechada em 1996. Após um processo de revalorização transformou-se em Hotel Cidade.

Fonte: IAOCHITE, J.C (2004)

Como podemos observar, através dos exemplos dados, o processo de revalorização de *brownfields* deve ser incentivado, principalmente porque o novo uso gera empregos, além de melhorar esteticamente o entorno, fazendo com que a comunidade não tenha repulsão por este espaço que estava abandonado, mas sim se identifique com ele.

3.4. Poder Público, Iniciativa Privada e População no Processo de Revalorização de Brownfields: O Caso da Fábrica de Tecidos Carioba

O Estatuto da Cidade estabelece, entre outros instrumentos de natureza urbanística, uma nova estratégia de gestão que incorpora a idéia de participação direta do cidadão²⁸ em processos decisórios sobre o destino da cidade.

No caso dos dois exemplos de revalorização citados, não houve a participação da população do entorno na decisão do novo uso. Foi uma decisão apenas dos novos empreendedores. Vieira (2002) denomina este processo de “revalorização imobiliária”, onde se modifica a aparência, conservando intacta a essência, a sobrevivência do capitalismo. Segundo o Autor, é esta a lógica da revalorização imobiliária.

“Pela incorporação do valor subjetivo da área, assentado em seu valor histórico, agrega valor objetivo aos imóveis, alterando suas funções, travestindo suas formas, fazendo de sua aparência apenas um simulacro de sua realidade. Este aproveitamento das formas, verdadeiras rugosidades no espaço urbano, que altera usos e funções, torna aptos os antigos imóveis para atenderem às exigências modernas da técnica. Ainda mais, pela agregação do valor subjetivo, revaloriza sua inserção no mercado” (VIEIRA, 2002, p.384).

²⁸ O Estatuto considera obrigatória a participação popular na definição da política urbana, seja, por exemplo, através da participação no Orçamento Participativo. O artigo 49, do Capítulo V, denominado Gestão Democrática da Cidade, esclarece que é necessária a realização de debates, audiências e consultas públicas sobre as propostas do plano plurianual, da lei de diretrizes orçamentárias e do orçamento anual, como condição obrigatória para a sua aprovação pela Câmara Municipal.

No caso da Vila Carioba, que inclui a Fábrica de Tecidos Carioba, que ocupava uma área de aproximadamente, 1.000.000 m², hoje abandonada, conforme se verifica através das Figuras 12 e 13, tendo apenas alguns galpões subutilizados, o processo de revalorização deve considerar a participação do Poder Público, já que a Prefeitura é a proprietária de uma parte da área. A participação da iniciativa privada também será importante neste processo, pois ela tem interesse em investir na área. Também não deverá ser desconsiderada a opinião da população, que tem uma relação de afetividade com este local, já que muitas pessoas começaram a trabalhar no setor têxtil, montando suas fabriquetas de fundo de quintal, a partir da Fábrica Carioba.

Por meio da pesquisa direta junto aos órgãos públicos municipais, tomamos conhecimento de que o Poder Público local já tem um projeto para a revalorização da área. É o Projeto Parque Vila Carioba, que, como o próprio nome diz, tem a intenção de transformar a antiga Vila em um Parque. O projeto foi elaborado pela Secretaria de Planejamento Municipal, através da Unidade de Desenvolvimento Físico Urbanístico (UDFU), com a colaboração de arquitetos e estagiários do Curso de Arquitetura e Urbanismo da UNIMEP – Santa Bárbara D'Oeste.

O Projeto Parque Vila Carioba tem como objetivo transformar a área da antiga Fábrica de Tecidos Carioba em um parque, atraindo turistas e a comunidade local. Consta também no projeto a intenção de transformar os antigos galpões da Fábrica em incubadoras, gerando emprego e renda para os pequenos e médios investidores.

Segundo o Diretor da Unidade de Desenvolvimento Físico Urbanístico, Sr. Antonio Candido Denadai, será construído no local um Restaurante próximo ao lago. O Projeto ainda não foi discutido com a população e não há previsão para ele ser colocado em prática, pois há uma incerteza entre a parte pertencente à Prefeitura de

Americana e a parte que cabe ao Grupo Abdalla. Este grupo comprou, em 1944, a Fábrica Carioba e, mais tarde, em 1977, a fábrica foi fechada e o grupo ficou com uma parte dos galpões, enquanto a Prefeitura ficou com outra parte, adquirida como pagamento de dívidas dos antigos proprietários.



Figura 12: Situação Atual de um dos galpões da Fábrica de Tecidos Carioba
Fonte: IAOCHITE, J.C. (2004)



Figura 13: Situação Atual de alguns galpões que faziam parte da Fábrica Carioba. Abandonados desde 1985.

Fonte: IAOCHITE, J.C (2004)

Existem alguns galpões pertencentes ao Grupo Abdalla, que estão sendo subutilizados por empresários do ramo têxtil, que os arrendam, inclusive utilizam o maquinário existente (Ver Figuras 14 e 15, p.88). Estes empresários não têm o objetivo de fazer melhorias no prédio, apenas utilizam as instalações. Estes também não participaram da elaboração do Projeto Parque Vila Carioba. Daí surgir um impasse entre Poder Público e iniciativa privada. O primeiro quer transformar a Vila em um parque visando o turismo e a geração de empregos e renda para o município. O segundo quer continuar produzindo seus tecidos, visando a geração de lucro.



Figura 14: Parte interna dos galpões subutilizados.
Fonte: IAOCHITE, JC (2004)



Figura 15: Subutilização dos antigos prédios e do maquinário da Fábrica Carioba
Fonte: Iaochite, J.C (2004)

Como podemos observar, a população não está participando deste projeto, nem ao menos foi incluída na discussão do que fazer com aquele espaço, que outrora teve tanta importância, como vimos, até mais do que a própria Villa Americana, e hoje está abandonado.

Procurando saber quais as expectativas da população do entorno para a área abandonada da Vila Carioba, elaboramos um formulário de questões (Anexo 1), pois a participação social da população é de suma importância na discussão de processos de revalorização de *brownfields*, já que a visão que o morador tem de sua realidade urbana é de grande valor para a criação de um diagnóstico local.

A área escolhida para aplicação do formulário de questões, foi o entorno da antiga Vila Carioba, que compreende os bairros Cordenonsi, Carioba, Vila Bertini, São Vito, Vila Mariana, Jaguari e São Manuel, considerados os bairros mais antigos de Americana (ver Figura 16, p.91). A população total, segundo a Secretaria de Planejamento é de 21.613 habitantes, e o tamanho da amostra, capaz de representar a realidade em análise, seria, segundo KREJCIE e MORGAN, apud GERARDI (1981, p.20), de 377 habitantes.

Entretanto, foi realizado um Pré - Teste, com a aplicação de 100 formulários de questões, pelos bairros do entorno da antiga Vila Carioba e houve resistência por parte dos entrevistados em responder às questões. Deste modo, optou-se por fazer um “convite”²⁹ aos 450 alunos³⁰ da EEPSP Prof. Silvino José de Oliveira, que fica localizada no Bairro Cordenonsi e recebe alunos dos bairros próximos à Vila Carioba.

²⁹ O convite foi feito através de visita à Escola Prof. Silvino José de Oliveira, na qual houve um convencimento da importância da população em participar deste processo, obtendo assim uma maior receptividade dos entrevistados em colaborar com a pesquisa.

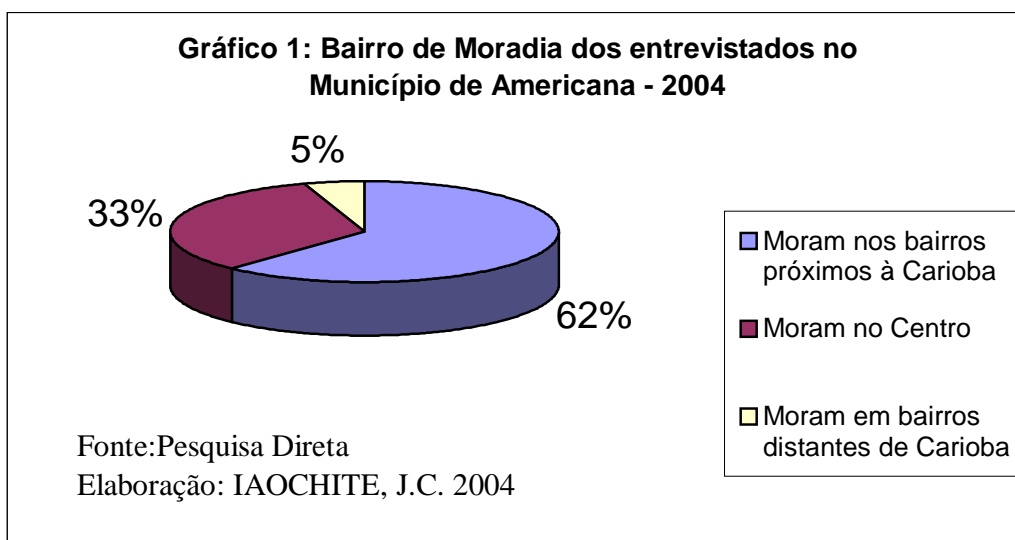
³⁰ O número de alunos citados corresponde somente ao período da tarde, que concentra as séries de 5ª a 8ª.

Os alunos deveriam levar o formulário de questões para casa e pedir para os pais ou avós repondê-lo, pois estes tinham uma maior vivência do lugar.

O objetivo que permeou a elaboração do roteiro de investigação foi o de observar qual era a imagem que a população tinha da Vila Carioba no auge e agora, em estado de abandono. Além disso, pretendia investigar quais as expectativas da população para os novos usos da antiga Fábrica Carioba.

Foram elaborados 380 formulários de questões, tendo sido aproveitados 350 questionários, os quais tiveram os dados demonstrados através dos gráficos que seguem.

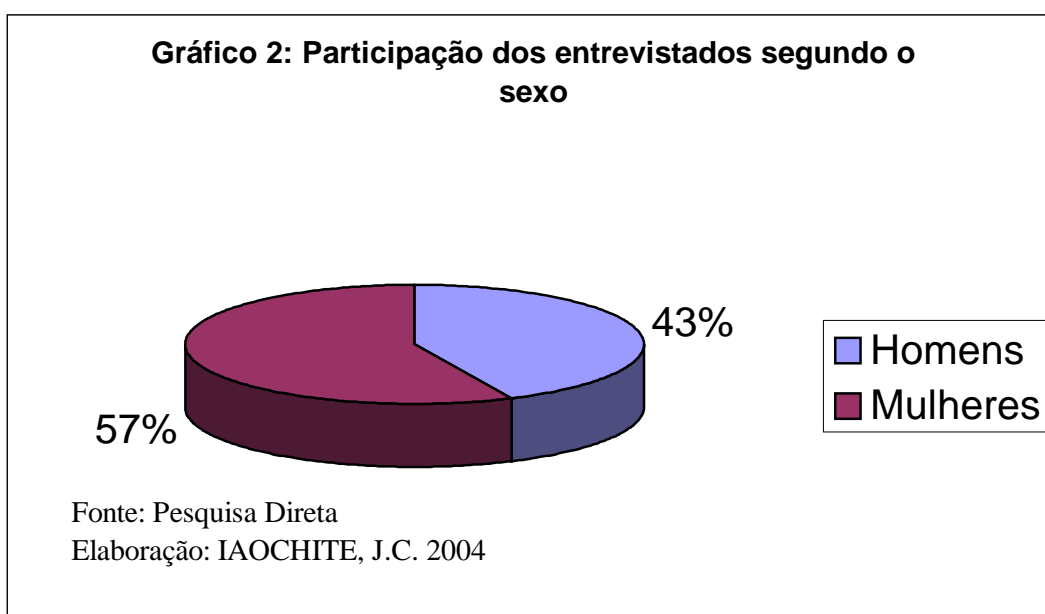
Em relação à residência dos entrevistados, de acordo com o Gráfico 1, observou-se que 62% dos entrevistados moravam próximo ao Bairro Carioba, 33% nos bairros centrais, mas que têm uma proximidade com a Vila Carioba, e 5% em bairros mais distantes de Carioba.



A participação maior de moradores próximos à Vila Carioba, como nos bairros Cordenonsi e São Manuel, por exemplo, deve ser relacionada às experiências já vividas

por seus moradores. Por uma questão de proximidade, a relação desta população com o local abandonado é muito maior do que a dos moradores que moram mais distantes.

O perfil dos entrevistados, segundo o sexo, apresenta um certo desequilíbrio, apresentando uma maior quantidade de mulheres em relação à porcentagem de homens (Gráfico 2)

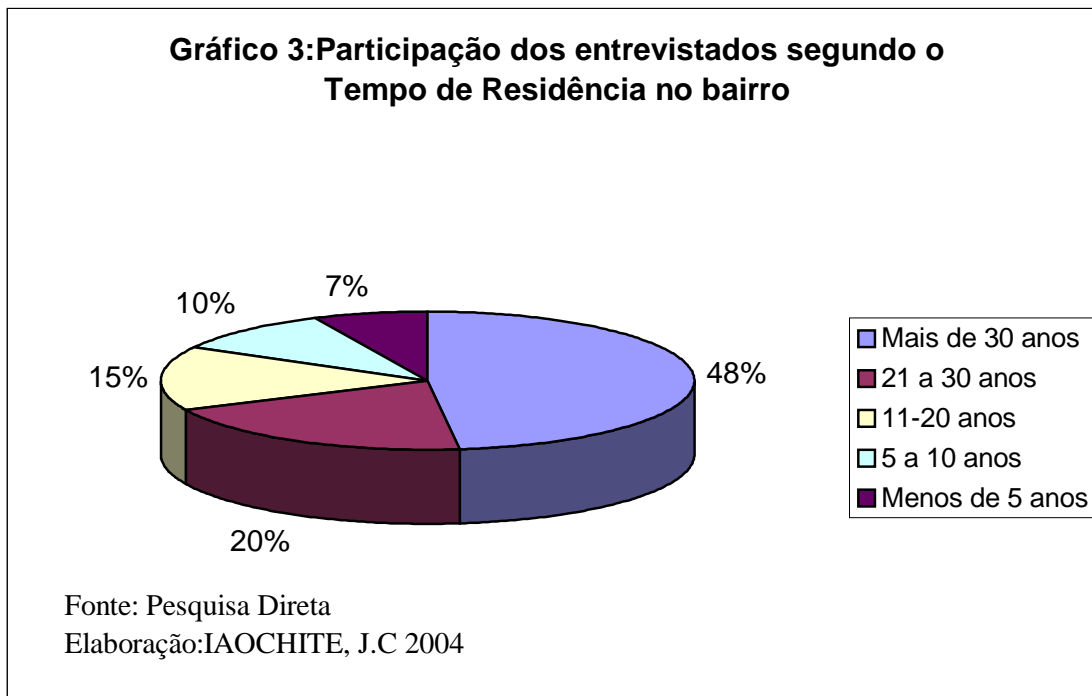


O tempo de moradia dos entrevistados foi um dado relevante, pois, quanto mais tempo de residência no bairro, mais identificação com o lugar e mais referências afetivas eles possuíam. Através do Gráfico 3, podemos identificar que a maior parte dos entrevistados (38%) reside no bairro ou nas proximidades há mais de 30 anos, e que apenas uma pequena porcentagem (5%) reside há pouco tempo no Bairro.

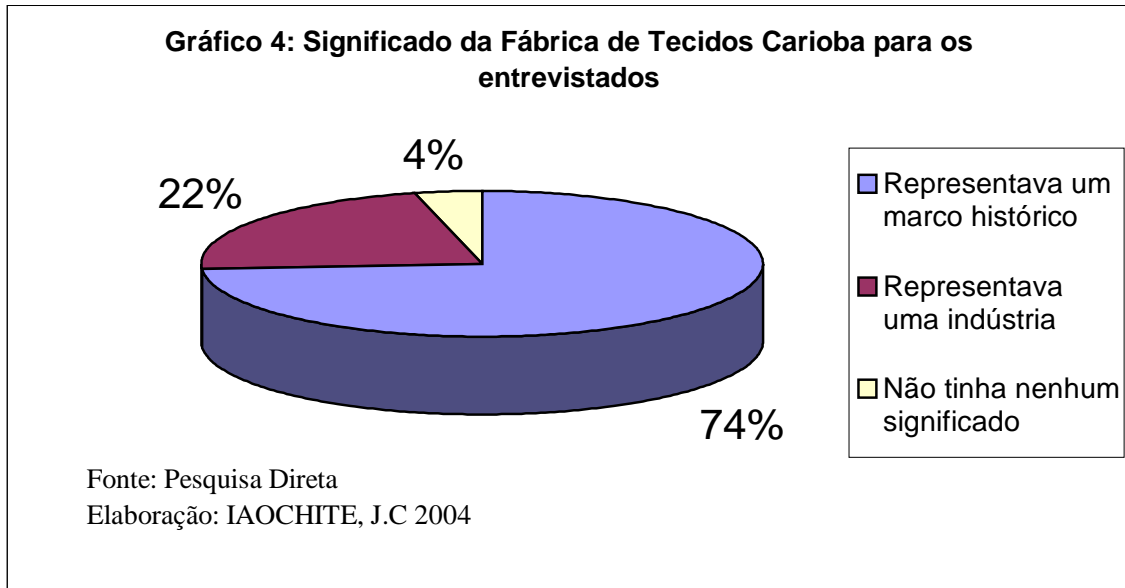
A questão do espaço vivido, do cotidiano, tem importância significativa nesta pesquisa, pois quanto mais o indivíduo “vive” o lugar, maior a sua identificação com o mesmo. Segundo Carlos (1994, p.82):

“As formas que a sociedade produz guarda uma história. A memória articula espaço e tempo, ela se constrói a partir de uma experiência vivida num

determinado lugar. Produz-se pela identidade em relação ao lugar, assim lugar e identidade são indissociáveis”. (Grifo nosso)



Quando perguntado: O que significa a Fábrica de Tecidos Carioba para você?, foi possível constatar que, para 74% dos moradores a antiga Fábrica Carioba significava um período de progresso econômico, além de ser considerada um marco histórico para o município; 22% consideravam a Fábrica Carioba um local que empregava muita mão-de-obra, inclusive avós trabalharam lá quando chegaram da Itália; 4% consideravam apenas um local onde se iniciou a industrialização têxtil em Americana, mas que não tinha nenhuma importância para a economia e para a história do município (Gráfico 4).



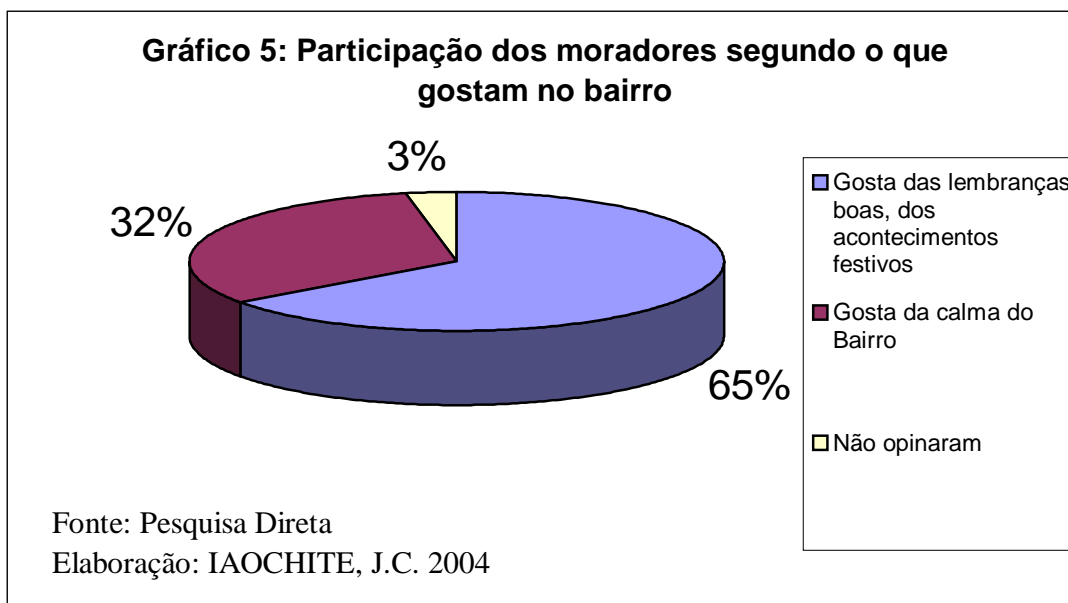
A seguir, destacamos alguns depoimentos que mostram a importância do significado da antiga fábrica:

“Comecei a trabalhar na Fábrica nos anos 30. Ainda era moleque. Lá tínhamos tudo, de clube a cinema. Hoje me entristeço de ver a situação pela qual a Fábrica passa. Nem parece que por lá pessoas importantes passaram” homem de 83 anos.

“A Fábrica marca o início da nossa história. Meus bisavós vieram da Itália para trabalhar em Americana na Carioba. É preciso resgatar esta história. Carioba teve a primeira rua asfaltada do Brasil e hoje tudo está abandonado” mulher de 34 anos.

Quando questionados sobre o que mais gostavam no bairro, a maior parte dos entrevistados respondeu que gosta das boas lembranças que o Bairro traz, principalmente no que se refere ao auge da Fábrica Carioba, quando vários acontecimentos ocorriam, já que lá havia cinema e clube. Além disso, os moradores gostam também da calma do

bairro, que já não é mais tão movimentado como antes, quando era considerado o centro da Villa Americana. (Gráfico 5).

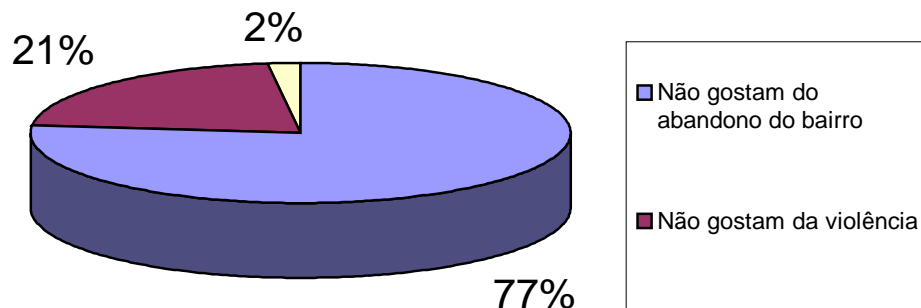


“Gosto de todas as lembranças que ela (a Fábrica) traz. Mas fico triste de ver a situação atual de abandono e descaso por parte do Poder Público” mulher de 65 anos.

De acordo com o Gráfico 6, observou-se que 77% não gostam do aspecto de abandono em que se encontra o bairro. Os antigos prédios industriais abandonados representam a falta de investimento no bairro e, além disso, contribuem para gerar violência, pois os marginais se escondem nas ruínas dos prédios.

“Lugares esquecidos incentivam a pobreza em todos os sentidos: violência, tráfico, etc” homem de 47 anos.

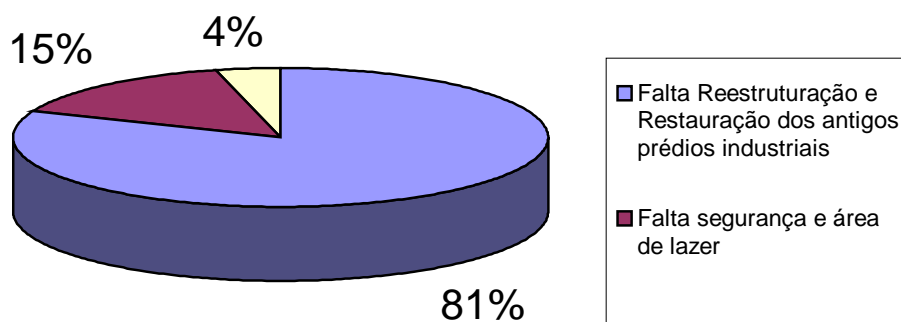
Gráfico 6: Participação dos moradores segundo o que não gostam no bairro



Fonte: Pesquisa Direta
Elaboração: IAOCHITE, J.C. 2004

Para a maior parte dos moradores entrevistados (81%), falta no bairro uma restauração dos antigos prédios, para que estes possam gerar empregos novamente. Além disso, 15% dos entrevistados afirmam faltar no bairro mais segurança e espaços de lazer para os jovens (Gráfico 7).

Gráfico 7: Participação dos moradores segundo o que falta no bairro

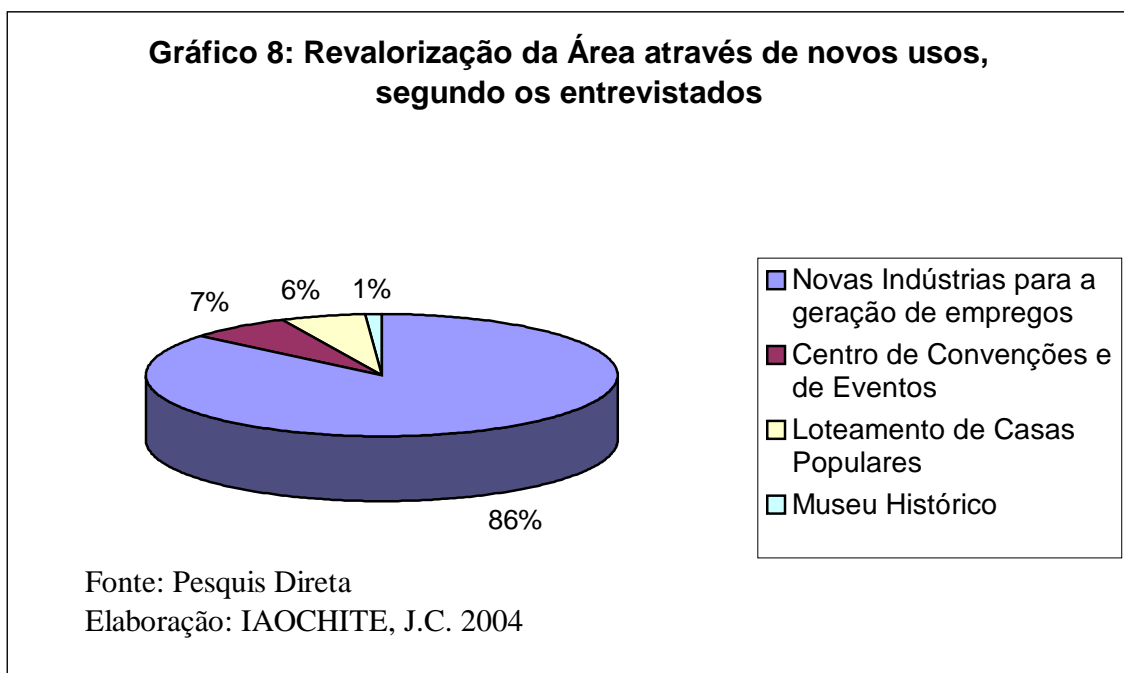


Fonte: Pesquisa Direta
Elaboração: IAOCHITE, J.C.2004

“Gostaria que a Vila voltasse a ter progresso. Que outras indústrias se instalassem ali, para gerar empregos para a população” homem de 28 anos.

“ Falta no bairro mais segurança para nós. E também falta mais espaços para os jovens” mulher de 39 anos.

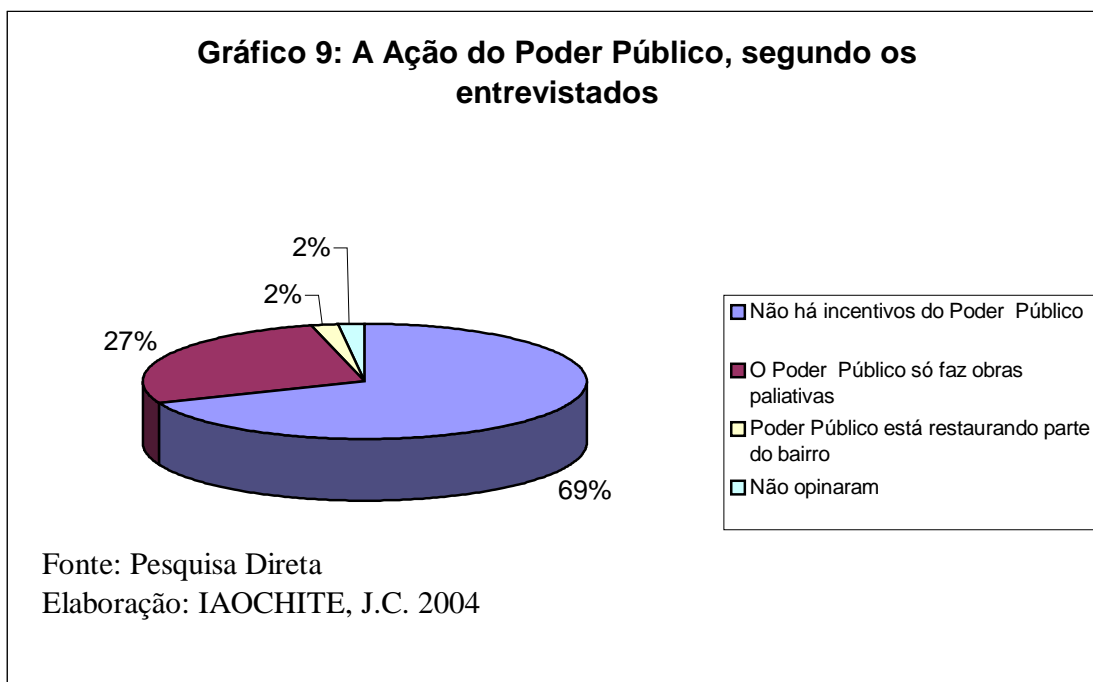
Quando perguntado: Se você pudesse decidir, qual seria o novo uso da Fábrica Carioba? Para 86% dos entrevistados, o novo uso estaria relacionado com a instalação de novas indústrias, que pudessem gerar empregos para a população, principalmente para os jovens (Gráfico 8).



O Poder Público, como já dito, tem um papel importante no que tange à revalorização de áreas abandonadas. Para analisarmos o que vem sendo feito neste

sentido, em relação à Fábrica Carioba e ao bairro do entorno, por parte da Prefeitura, perguntou-se: “O que o Poder Público Local tem feito para melhorar o bairro”?

Para 69% dos entrevistados, o Poder Público nada tem feito de significativo para melhorar o bairro, isto é, não há investimentos efetivos que possam gerar mais empregos, como a instalação de empresas. Alguns moradores afirmam que a Prefeitura apenas tem pavimentado as ruas, melhorando a iluminação, o que não contribui de forma efetiva para melhorar o aspecto de abandono do bairro (Gráfico 9).



Como pudemos observar, através dos gráficos, a população do entorno da Vila Carioba tem muitas lembranças boas da época de progresso da Fábrica; inclusive 5% dos entrevistados trabalharam e moraram na Vila Carioba, e outros 16% tiveram parentes próximos, como os avós, que fizeram parte da Fábrica, seja trabalhando diretamente ou

através do sistema façonista. Isto significa que a Fábrica traz muitas recordações e o abandono atual no qual ela se encontra deixa a população insatisfeita.

A população acredita que é necessário um processo de recuperação da Vila Carioba, tornando-a mais dinâmica, gerando empregos e lazer para a comunidade. Na verdade, muitos declararam que gostariam de ver novamente a Vila progredindo.

“Se eu pudesse decidir, transformaria aquele lugar num Centro de Convenções ou Eventos, pois lá já houve outras coisas ligadas ao lazer, como o Clube Carioba” homem de 22 anos.

“Ao invés de transformá-la num Museu, gostaria que ela se transformasse novamente em um local que pudesse gerar empregos para as famílias, como no passado, que foi sustento para os meus bisavós” mulher de 34 anos.

“Gostaria que lá fosse um Centro de Treinamento para várias profissões, pois incentivaria o bairro a voltar a crescer e gerava empregos aos jovens” homem de 47 anos.

Pudemos analisar, através dos depoimentos acima, que a população quer ver o local revalorizado para atrair mais investimentos e a geração de empregos, pois, com a saída de inúmeras indústrias do bairro, o índice de desemprego aumentou. Além disso, como o bairro está afastado dos locais de lazer, a comunidade do entorno necessita de maiores investimentos neste setor.

A Vila Carioba teve uma importância social, econômica e histórica muito significativa para toda população de Americana, inclusive a que não mora próximo ao Bairro. Isto pôde ser observado tanto na Bibliografia pesquisada sobre o tema, como através dos depoimentos da população. Para este espaço, hoje um *brownfield*, caracterizado pelo abandono e descaso, estando à margem do desenvolvimento sócio-econômico local, tornam-se necessárias propostas que revitalizem e revalorizem este local. Mas é preciso que os agentes sociais, Poder Público, iniciativa privada e comunidade estejam envolvidos num projeto de revalorização, que tenha como objetivo não apenas a dominação, o uso do espaço para a reprodução do capital. É necessário transformá-lo com o objetivo do consumo do espaço, onde a apropriação, não privada, mas de todos, seja possível, devolvendo à Vila Carioba o brilho e a magnitude que um dia ela teve.

Considerações Finais

Os estudos desenvolvidos pelos geógrafos, na questão das transformações no espaço urbano, tornam-se fundamentais para enriquecer as discussões que este tema abarca. Nossa contribuição nesse estudo foi, portanto, avaliar as mudanças e desafios que se verificam no espaço urbano do município de Americana – SP, considerando a dinâmica produtiva local e também a influência global como fatores responsáveis por uma nova configuração espacial e pelo surgimento de *brownfields*. Além disso, este estudo buscou preencher uma lacuna existente nos estudos de antigas áreas industriais que foram abandonadas, devido aos novos processos de produção impostos às indústrias têxteis.

Para compreender a complexidade do espaço urbano na atualidade, foi imprescindível analisar os fatores transformadores não apenas do local, mas do global, que tiveram uma influência significativa na formação dos *brownfields*.

No caso do setor têxtil de Americana, a relação local / global provocou alguns impactos negativos, com a perda de empregos, com o fechamento de fábricas e a formação de áreas abandonadas. Isto porque este setor não estava preparado tecnologicamente para a concorrência mundial que se tornou mais acirrada a partir da década de 1990, principalmente pela presença no mercado interno de tecidos importados, especialmente coreanos e chineses.

Hoje, o setor têxtil americanense está passando por um processo delicado e decisivo, a revisão de pesquisas revelam que a tecnologia produtiva da maior parte das indústrias está ultrapassada, não conseguindo competir mais nos mercados nacional e

internacional, com os tecidos importados, muitas vezes de melhor qualidade e com preços mais competitivos.

Foi possível compreender também que, neste contexto de competitividade, são geralmente as grandes indústrias, de capital nacional e internacional, que conseguem se modernizar e se manter no mercado, enquanto que muitas de pequeno e médio porte, principalmente as de capitais locais, continuam marginalizadas desse processo de modernização. Algumas destas indústrias continuam realizando apenas trabalhos complementares às grandes indústrias, enquanto outras encerraram suas atividades. A análise da realidade nos leva a concluir que esta crise foi a principal responsável pela geração dos *brownfields* em Americana.

Nesse sentido, esta pesquisa buscou compreender a questão de áreas abandonadas numa perspectiva da análise da produção do espaço, refletindo como estas vêm sendo estudadas em outros países, com formação sócio-econômica diferenciada do Brasil. Apesar do foco central do trabalho não ser a discussão do termo *brownfield*, foi importante a exposição do seu significado, pois permitiu o resgate da dinâmica da concretização destes espaços nos Estados Unidos, enriquecendo as reflexões das diferenças e semelhanças das áreas abandonadas (no Brasil e nos EUA), e assim, contribuindo diretamente para o entendimento do estudo de caso do município de Americana. Estes estudos podem servir de referência, embora a realidade norte-americana seja muito diferente da brasileira, tornando extremamente difícil e complexa tal comparação. Além disso, a indústria estudada nos Estados Unidos é a do aço, extremamente poluente, na qual é a contaminação real que se faz presente. No caso das indústrias têxteis de Americana, a contaminação do solo não é o fator mais relevante, mas sim a degradação da paisagem como um todo.

Neste contexto, procuramos contribuir com o entendimento de áreas abandonadas enfocando não apenas o fator ambiental, numa perspectiva vertical, analisando apenas a contaminação real, mas numa perspectiva horizontal mais abrangente. Neste tipo de análise, as formas abandonadas são consideradas no conjunto da paisagem, passando a avaliar os impactos sócio-econômico e ambiental. É nesta perspectiva que o geógrafo pode contribuir no entendimento dos *brownfields*,

Neste trabalho desenvolvemos uma análise do setor têxtil de Americana, principalmente o período da década de 1990, quando este sofreu influências da Globalização, mostrando que fatores exógenos também são responsáveis pela produção do espaço local, pois cada lugar reage de modo diferente à interferência global.

Nesta mesma perspectiva dos conflitos globais - locais, que se materializam nos lugares, foi possível avaliar que muitas indústrias encerraram suas atividades devido a fatores endógenos também. Isto pôde ser observado no município de Americana nas indústrias de pequeno e médio porte, que além de enfrentarem o problema da falta de modernização, não receberam incentivos por parte do governo local. Entre estas ausências de incentivos podemos citar: a isenção de impostos e a inexistência de um Distrito Industrial, o que provocou a saída de muitas indústrias do mercado, cada vez mais competitivo. Outra deficiência endógena presente no município de Americana é a ausência de um plano de desenvolvimento industrial local eficaz, provocando a falta de confiabilidade por parte dos empresários no Poder Público.

Grande parte destas indústrias acabou migrando para os municípios vizinhos, como Nova Odessa e Santa Bárbara D'Oeste, que ofereceram incentivos fiscais, além de fornecerem área para a expansão da indústria. Assim, ao se transferirem para outros municípios, estas indústrias deixaram no espaço urbano de Americana as formas abandonadas.

Um outro fator relevante para análise da formação de *brownfields* é a localização de grande quantidade de indústrias têxteis em bairros centrais, próximos da antiga Fábrica Carioba. Isso se deve ao fato destas indústrias terem surgido para realizar serviços complementares à Fábrica Carioba, no sistema façonista. A localização nestes bairros acabou gerando conflitos com a população do entorno, que, reclamando do barulho e do mau cheiro, criou um motivo para a transferência das indústrias para outros bairros ou para o Distrito Industrial, cuja primeira etapa foi construída em 1991 às margens da Via Anhanguera, com o objetivo de atender a esta demanda.

Acreditamos que as transformações espaciais ocorridas na cidade de Americana, que culminaram, entre outras conseqüências, na formação de *brownfields*, acarretaram sérios problemas sócio-econômicos, como a redução de mão-de-obra. Entretanto, os *brownfields* apontam novas possibilidades de apropriação do espaço, através de novos usos, devolvendo dinâmica à área, gerando empregos e arrecadação de impostos.

Procuramos revelar, através dos exemplos dados, de áreas abandonadas e que foram revalorizadas, a importância do envolvimento do Poder Público, da iniciativa privada e da população, tendo por objetivo a apropriação do espaço por todos, considerando outros caminhos que não aqueles da privatização dos espaços. Através desta análise foi possível constatar que há uma contradição entre o Poder Público, a iniciativa privada e a população, pois cada um enxerga estas áreas abandonadas de forma diferente. O Poder Público vê estas áreas como possibilidade de novos usos para arrecadação de impostos, já que em áreas abandonadas não há a cobrança de impostos. A iniciativa privada vê nestes espaços a oportunidade da especulação imobiliária, com o objetivo da reprodução do capital para a geração de lucros. A população do entorno vê nestas áreas a possibilidade de se apropriar deste espaço, dando-lhe um novo uso.

O movimento do pensamento desenvolvido neste trabalho recuperou algumas das contradições vividas no lugar, que teve influência externa, e nos fez enxergar como novas formas espaciais podem surgir neste contexto.

Acreditamos que este é o começo para o entendimento dos *brownfields*, não meramente como formas abandonadas, mas como áreas potenciais de revalorização.

Buscou-se também, através deste estudo, abrir possibilidades para novas pesquisas que contemplem as transformações que estão ocorrendo no espaço urbano, visando o Desenvolvimento Local.

Referências Bibliográficas

ALVES, G.A. **O Uso do Centro da Cidade de São Paulo e sua Possibilidade de Apropriação**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

ARAÚJO, K.C.P. **A Via Direta ao Consumidor – Estrutura e Localização do Comércio Têxtil na Cidade de Americana – SP**. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro - SP, 1997.

BARRETO, J. “*Pronta para a Largada*”. **Revista URBS**. Vol. , pp.16-24, outubro/novembro 2001.

BIANCO, J. **Americana – Edição Histórica**. Americana: Editora Focus, 1975

BRUYELLE, P. “*Les friches industrielles*”. **Revue Belge de Géographie**, 116ème année (1-4), pp.113-117, 1992.

CANABRAVA, A.P. **O Desenvolvimento da Cultura do Algodão na Província de São Paulo (1861-1875)**. São Paulo: 1951.

CANO, W. **Raízes da Concentração Industrial em São Paulo**. São Paulo: DAG, 1990.

CARLOS, A.F.A. “*Espaço e Indústria*”. **Repensando a Geografia**. São Paulo: Contexto, USP, 1988.

_____. “A Cidade”. **Repensando a Geografia**. São Paulo: Contexto, USP, 1994.

_____. “Notas sobre a paisagem urbana paulista”. **Revista da Biblioteca Mário de Andrade, São Paulo**. Secretaria de Cultura de São Paulo. 54, 1996.

_____. **O Lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.

CASTELLS, M. **A Era da Informação: Economia, Solidariedade e Cultura. A Sociedade em Rede**. São Paulo: Editora Paz e Terra. Vol. 1, 1999.

CONGRESS OF UNITED STATES OF AMERICA H.R. 2869 – “*Comprehensive Environmental Response, Compensation, and Liability Act of 1980*” – **Small Business Liability Relief and Brownfields Revitalization Act**. Washington, January, 2001.

CORRÊA, R.L. **Trajetória Geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2ª Edição, 2001.

COSTA, K.C.R. **O Centro de Recife e suas Formas Comerciais: transformações e persistências**. Tese (Doutorado) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro – SP, 2003.

CYMBALISTA, R. “*Estatuto da Cidade*”. **Dicas – Instituto Polis: Idéias para a Ação Municipal**, nº 181, São Paulo, pp.1-2, 2001

DATAR (Dèlegation à l’ Aménagement du Territoire et à l’ Action Régionale). **Les grandes friches industrielles**. Paris: La Documentation Française, 1985.

DEAN, W. **A Industrialização de São Paulo (1880-1945)**. São Paulo: Difel, 3ª edição, 1976.

EVASO, A.S. “*A Refuncionalização do Espaço*”. **Revista Experimental**, ano 3, nº 6, São Paulo, Março, pp.33-54, 1999.

FIBGE – Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – Censos Econômicos de 1970,1975,1980.

FRUGOLI JR, H. **O Centro, a Avenida Paulista e a Avenida Luiz Carlos Berrini na Perspectiva de suas Associações: centralidade urbana e exclusão social**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1998.

GERARDI, L.H. de O. **Quantificação em Geografia**. São Paulo: Difel, 1981.

GIRARDI, J. **Histórico do Setor Têxtil de Americana e Região**. 1996 (MIMEO).

KIVELL, P.T. “Les friches et le déclin industriel dans les villes britanniques”, **IN: Revue Belge de Géographie**, 116(1-4):117-128,1992.

LENCIONE, S. **Reestruturação urbana-industrial: centralização do capital e desconcentração da metrópole de São Paulo – a indústria têxtil**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991.

LENHARI, L.C. **Abertura Comercial e o Caso da Indústria Têxtil de Americana**. Campinas: Pontifca Universidade Católica de Campinas, 1996.

MELLO, Z.M.C. **São Paulo, 1845-1895: Metamorfoses da Riqueza – Contribuição ao Estudo da Passagem da Economia Mercantil Escravista à Economia Exportadora Capitalista.** Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, 1981.

MENDES, A.A. **Reestruturações Locais como Efeitos da Globalização Econômica: uma análise da estrutura produtiva mutante do Pólo Têxtil de Americana - SP.** Tese (Doutorado) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro – SP, 1997.

MERLIN, P.; CHOAY, F. **Dictionnaire de l'Urbanisme et de l'Aménagement.** Paris: PUF, 1985.

MORELLI, D.L. **Americana em um século: a Evolução Urbana de uma Cidade Industrial de porte médio.** São Paulo: Annablume: Fapesp, 2002.

ORTIGOZA, S.A.G. **O Tempo e o Espaço da Alimentação no centro da Metrópole paulista.** Tese (Doutorado) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro – SP, 2001.

PEREIRA, E.A.A. **Os *browfields* no Município de Americana de Piracicaba (SP): a inércia do território e os ciclos econômicos.** Monografia – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro – SP, 2003.

PREFEITURA MUNICIPAL DE AMERICANA. Coordenadoria de Planejamento. Divisão de Planejamento Sócio – Econômico. **Informativos Sócio-econômicos do Município (1990-2002).**

_____. Coordenadoria de Planejamento. Unidade de Desenvolvimento Físico Urbanístico. **Projeto Parque Vila Carioba**. 2000.

_____. Secretaria de Cultura. **Projeto Raízes – Americana e sua História**. 2003.

RECORDAÇÕES DE CARIOBA. **Álbum de Memórias**. Americana: Caminho Editorial, 1999.

RIBEIRO, M.A.R. **Condições de Trabalho na Indústria Têxtil Paulista (1870-1930)**. São Paulo: Hucitec/Ed.Unicamp, 1988.

RODRIGUES, J.A. “*Façonismo: Um Sistema de Trabalho na Indústria Têxtil – O Exemplo de Americana*”. **Geografia das Indústrias**. São Paulo, nº 6, pp.1-68, 1978.

RUSS, T. **Redeveloping Brownfields**. New York: Mc Graw – Hill, 2000.

SANCHEZ, L.E. **Desengenharia – O Passivo Ambiental na Desativação de Empreendimentos Industriais**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

SÁNCHEZ, F. **A Reinvenção das Cidades para um Mercado Mundial**. Chapecó: Argos, 2003.

SANTOS, M. **Espaço e Método**. São Paulo: Nobel, 1985.

SANTOS, M. et aliii. (org). **Fim de Século e Globalização**. São Paulo: Hucitec – AMPUR, 1993.

SANTOS, M. **Técnica, Espaço, Tempo. Globalização e Meio Técnico-Científico-Informacional.** São Paulo: Hucitec, 1994.

SEABRA, O.C.de L. “*A Insurreição do Uso*”. In: MARTINS, J.S. **Henri Lefèbvre e o Retorno à Dialética.** São Paulo: Hucitec, 1996.

SIMÕES JR, J.G. “*Revitalização dos Centros Urbanos*”. **Polis**, São Paulo, nº 19, 1994.

SIMONSEN, R.C. **Evolução Industrial do Brasil: e outros estudos.** São Paulo: USP, 1973.

SINDITEC - Sindicato das Industrias de Tecelagens de Americana, Nova Odessa, Santa Bárbara D’Oeste e Sumaré. **Resumo do Setor Têxtil.** Disponível em: www.sinditec.com.br. Acesso em: 08/07/2004.

SIRCHAL – Site International sur la Revitalisation des Centres Historiques des villes d’Amerique Latine et des Caraibes. Disponível em: www.archi.fr/SIRCHAL. Acesso em várias datas.

SOUZA, C.L.de. **Fraturas Urbanas e a Possibilidade de Construção de Novas Territorialidades Metropolitanas: a Orla Ferroviária Paulista.** Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2002.

SUZIGAN, W. **Indústria Brasileira: Origem e Desenvolvimento.** São Paulo: Brasiliense, 1986.

TROPMAIR, H. “*Contribuição ao estudo da Indústria Têxtil de Americana, Estado de São Paulo*”. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, nº 43, pp.59-82, 1966.

UNESP. **Normas para Publicações da UNESP**. São Paulo: Editora Unesp, 1994.

VASQUES, A.R. “*Redesenvolvimento de Brownfields*”. **Anais VIII Simpósio Nacional de Geografia Urbana**, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 10 a 14 de novembro de 2003.

VIEIRA, S.G. **O Centro Vive – O Espetáculo da Revalorização do Centro de São Paulo: sobrevivência do capitalismo e apropriação do espaço**. Tese (Doutorado) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro - SP, 2002.

Endereços Eletrônicos (acessos em várias datas):

- <http://www.epa.gov> (US Environmental Protection Agency)
- <http://www.brownfields.com> (Brownfields and Urban Redevelopment)
- <http://www.americana.sp.gov.br> (Prefeitura Municipal de Americana)
- <http://www.sinditec.com.br> (Sindicato das Indústrias Têxteis do Pólo de Americana – SP)
- <http://www.brownfieldssource.org> (Brownfields Source)
- <http://www.ce.cmu.edu/Brownfields> (Center of Studies Brownfields – University Carnegie Mellon)

ANEXOS

ANEXO 1

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

CAMPUS RIO CLARO – SP

DEPTO. GEOGRAFIA

Questionário

Desde quando mora em Americana?

Local:

Tipo de Residência: () Própria () Alugada

Sexo: Idade:

Escolaridade:

Ocupação:

1. O que significa a antiga Fábrica de Tecidos Carioba?
2. O que você gosta e o que você não gosta no bairro?
3. O que falta no bairro?
4. Se você pudesse decidir, qual seria o novo uso que você daria para a antiga Fábrica Carioba? Por quê?
5. O Poder Público tem feito algo pela Vila, propondo novos usos? O que você pensa sobre isso?
6. Você trabalhou ou tem parente próximo que trabalhou em Carioba?